

revista

ALPHA

Edição 10 - Ano II - 2017

PAPO UFOLÓGICO



**ENTREVISTA COM
CLÁUDIO SUENAGA**



**OVNI: CRIANDO UM NOVO
SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO
A PARTIR DO CAOS**



**BEP KOROROTI NÃO
ERA UM ASTRONAUTA**



OS UFOS E AS REDES SOCIAIS

EGITO, SIM ERA EXTRATERRESTRE!



EQUIPE EDITORIAL:

EDITOR-CHEFE:

Rafael da Silva Pereira - São Paulo

CONSULTORES:

Carlos Casalicchio – Sorocaba

Gener Silva – Araçatuba

Jamil Vila Nova – Guarujá

José Alves – São Paulo

José Maldonado – São Paulo

Leonardo Breno Martins – São Leopoldo

Marco Aurélio Leal – Sorocaba

Morgana de Oliveira – Ituporanga

Paulo Aníbal G. Mesquita – São Paulo

Renato Mota – Jacareí

Ricardo Varela – São José dos Campos

Thiago Luiz Ticchetti – Brasília

Vitório Peret – Rio de Janeiro

Wallacy Albino – Guarujá (in memorian)

CORRESPONDENTES INTERNACIONAIS:

Gustavo Sanabria – Paraguai

Mario Zegarra- Peru

Néstor Berlanda – Argentina

Paulo Jorge Cosmelli – Portugal

Ronald Maidana Torres- Paraguai

DIRETORA COMERCIAL:

Adriana Scalfo – São Paulo

DIRETOR EXECUTIVO:

Cláudio Roberto Iatauro – São Paulo

WEB DESIGNER:

Fagner Moura - São Paulo

CONSELHEIRO EDITORIAL:

Maurício Eloy - São Paulo



revistaalphaufologia



revistaalpha



revistaalphaufologia



Arte de capa:

A arte de capa foi elaborada pelo Juaci Junior. Para maiores informações, entre em contato com ele através do seu e-mail:

juacispjr@gmail.com

ACESSE O NOSSO SITE: www.revistaalpha.com.br

revista

ALPHA

Edição 10 / Ano 2 / 2017



04

Bep Kororoti não era um astronauta
Maurício Eloy



06

Alpha News
Saiba as principais informações
da Ufologia e Astronomia



10

Egito, sim era extraterrestre!
Nacho Ares



18

Fenômeno Ufo- Criando um
novo sistema de classificação
a partir do caos
Ronald Maidana Torres



32

Papo Ufológico
Cláudio Tsuyoshi Suenaga



39

Os UFO's e as redes sociais
Rafael Silva Pereira

BEP KOROROTI NÃO É

O ritual das abelhas

Não estou negando o contato de aliens com os indígenas, existem muitos relatos interessantes sobre esses ocorridos, mas nesse caso devemos tomar o cuidado em afirmar essa representação sagrada com um astronauta. João Américo Peret até brincou falando que foi nós ocidentais que copiamos as vestimentas dos Kayapó.

Ritual Bep-Kororoti da tribo Kayapó Xikrin

O ritual é tão fechado e raro que se tem pouquíssimas referências e informações antropológicas, mas muitos sites de conteúdo ufológico contam e recontam ser uma representação de um "astronauta" que teria

visitado os indígenas da tribo Kayapó Xikrin. O Antropólogo Horace Banner, aponta no mito colhido por ele em 1957 sobre o Bep kororoti, sendo uma entidade Xamã com vestes de palha representando "O Homem Chuva".

"Bep-Kororoti (a chuva) estava zangado, zangado mesmo, em nada tendo diminuído o poder dos seus trovões e relâmpagos, nem o seu antigo ódio aos filhos da Terra. Mas Bep-kororoti já fora índio. Fora casado com os demais, tinha pescado e caçado com os outros, e nada indicava que diferisse, de qualquer maneira, de seus companheiros. Um dia, Bep-kororoti teve um grande desgosto. Mataram uma anta e, apesar de ter ajudado tanto a matá-la como a esquartejá-la, Bep-kororoti ficou sem carne, recebendo apenas a pele, que desprezou."



Rara fotografia do ritual Bep-Kororoti da tribo Kayapó Xikrin. Os Xikrin vivem nas Terras Indígenas Cateté e Trincheira Bacajá no estado do Pará.

ERA UM ASTRONAUTA e "O Homem chuva"

As Abelhas e os Kayapó

Para os antropólogos Darrel A. Posey e João M. F. Camargo, o Bep Kororoti seria uma entidade que representa as abelhas, travestido com uma roupa de palha em um ritual Xamânico.

Os trabalhos iniciais de Posey (1983) mostram que os índios Kayapó, do tronco lingüístico Gê, que habitam no sul do Pará, Brasil, reconhecem, denominam e classificam 56 espécies de abelhas sociais sem ferrão, das quais nove são consideradas "manipuladas" ou "semidomesticadas".

Os produtos de muitas dessas espécies de Meliponinae são utilizados na economia Kayapó, por exemplo: o cerúmen e as resinas, na confecção de artefatos e nas pontas de flechas; o mel, o pólen e as larvas, na alimentação; várias misturas de abelhas e parte dos ninhos, na medicina. Por outro lado, mesmo aquelas espécies que não são utilizadas economicamente são importantes na estrutura epistemológica do mundo Kayapó, ou seja, a organização social e política dos Kayapó foi concebida, segundo suas histórias,

por um ancião (xamã = wayangá) antigo, depois de estudar o comportamento dos Hymenoptera sociais. O comportamento de defesa e ataque, hábitos nômades e migratórios observados em certas espécies de formigas, vespas e abelhas, são alguns dos padrões imitados pelos Kayapó. O "modelo natural" do universo Kayapó é representado simbolicamente pela estrutura dos ninhos de *Polybia* spp. e, cerimonialmente, na cera de abelhas empregada na confecção do "capacete" -mekutôm.

Fontes bibliográficas:

"O conhecimento dos Kayapó sobre as abelhas"
dos autores: João M. F. Camargo e Darrel Addison Posey;

Mitos dos Índios Kayapós - Aculturação dos Grupos Indígenas no Brasil

Horace Banner - Eduardo Galvão - Carlos H Oberaker, Ffclusp, 1957;

Homem, cultura e sociedade no Brasil

Egon Schaden, editora Vozes ano 1972.

SOBRE O AUTOR:

O professor Maurício Eloy é Conselheiro Editorial da Revista ALPHA, Consultor da Revista Ufo, formado em História da Arte e História da Cultura, artes visuais, linguagem cinematográfica e processo de criação. Com 30 cursos nas áreas de filosofia, sociologia, artes, semiótica, processo de criação, Cultura e religião comparada, etc. O mesmo trabalhou por 15 na área cultural, como educador, professor e palestrante.

Facebook: <https://www.facebook.com/arteeloy>





Nove planetas em posição ideal para “descobrir” a Terra

Ao menos nove exoplanetas conhecidos estão em uma posição ideal para ser testemunhas dos trânsitos da Terra diante do Sol, assim tornando visível nosso planeta para hipotéticos “astrônomos extraterrestres”.

Esta é a conclusão de um curioso estudo de cientistas da Queen’s University de Belfast e do Instituto Max Planck, que foi publicado na revista *Monthly Notices* da Royal Astronomical Society.

Graças as instalações e missões como SuperWASP e Kepler, descobrimos milhares de planetas que orbitam estrelas distintas ao nosso Sol, mundos conhecidos como “exoplanetas”.

A grande maioria deles acabam sendo localizados quando planetas cruzam diante de suas estrelas anfitriãs que se conhece como “trânsitos”, que permitem aos astrônomos observarem a luz da estrela anfitriã fracamente em intervalos regulares cada vez que o planeta passa entre nós e a estrela distante.

No novo estudo, os autores invertem este conceito e perguntam: “Como veria um observador alienígena o nosso Sistema Solar? Identificaram partes do céu desde onde se observariam vários planetas do nosso Sistema Solar passar em frente ao Sol – as chamadas “zonas de trânsito” – concluindo que os planetas terrestres (Mercúrio, Vênus, Terra e Marte) são muitos mais propensos a ser localizados que os planetas mais distantes (Júpiter, Saturno, Urano e Netuno), apesar de seu tamanho muito maior.

Katia Poppenhaeger, coautora do estudo, afirma: “Estimamos que um observador

posicionado ao azar teria aproximadamente uma probabilidade de 1 em 40 de observar ao menos um planeta de nosso sistema. A probabilidade de detectar ao menos dois planetas seria aproximadamente dez vezes menor, e detectar três seria dez vezes menor ainda”.

Dos milhares de exoplanetas conhecidos, a equipe identificou 68 mundos onde os observadores veriam um ou mais planetas do nosso Sistema Solar atravessar o Sol. Nove destes planetas estão situados idealmente para observar trânsitos da Terra, ainda que nenhum dos mundos são considerados como habitáveis.

Além disto, a equipe estima que deve haver aproximadamente dez mundos (atualmente não descobertos) que estão localizados favoravelmente para detectar a Terra e são capazes de manter a vida tal como a conhecemos. Contudo, até o momento não foram descobertos planetas habitáveis desde os quais uma civilização pudesse detectar a Terra com nosso atual nível de tecnologia.

Fonte: (Royal Astronomical Society)

Caçadores de exoplanetas descobrem dois novos “Júpiteres quentes”

Uma equipe internacional de astrônomos descobrem dois novos exoplanetas na categoria de “Júpiteres quentes”, com órbitas relativamente próximas as suas estrelas.

Conhecidos como EPIC 211418729b e EPIC 211442297b, estes dois gigantes gasosos orbitam estrelas que se localizam a uns 1.569 e 1.360 anos luz da Terra, respectivamente, e são semelhantes em tamanho a Júpiter. Liderado por Avi Shporer, um investigador pós-



Concepção artística de um planeta "Júpiter quente".

Créditos: NASA/JPL- Caltech

doutorado da divisão de Ciências Geológicas e Planetárias (GPS) do Instituto Tecnológico da Califórnia (Caltech), a equipe descobridora se baseou em dados das missões Kepler e K2 em observações de rastreamento com múltiplos telescópios terrestres, para determinar os tamanhos, as massas e órbitas destes planetas. As descobertas foram publicadas na arXiv.

A equipe realizou observações de rastreamento utilizando o telescópio Keck II (localizado no Observatório W. Keck do Havaí) e o Telescópio Norte Gemini (localizado no Observatório Gemini, também no Havaí). Estas observações, realizadas entre janeiro de 2016 e maio de 2017, combinaram com dados espectrais e medições de velocidade radial do Espectrômetro de Echelle de Alta Resolução (HIRES) no telescópio Keck I.

Finalmente, se juntaram a dados fotométricos do Observatório Interamericano de Cerro Tololo (CTIO) no Chile, do Observatório Astronômico da África do Sul (SAAO) e do Observatório Siding Spring (SSO) na Austrália. Estas observações de rastreamento confirmaram a presença destes dois exoplanetas, informa para a Universe Today.

Fonte: Universe Today

Primeiros indícios de água no sistema TRAPPIST 1

Uma equipe internacional de astrônomos descobriram os primeiros indícios de água no sistema TRAPPIST 1, com sete planetas do tamanho da Terra, que foi descoberto no começo deste ano. Esta descoberta poderia abrir a porta para que fossem habitáveis, segundo informa a NASA e a Agência Espacial Europeia (ESA).

Os indícios que foram conseguidos graças ao telescópio espacial "Hubble" da NASA/ESA, desvendou que os planetas exteriores do sistema poderiam abrigar "quantidades substanciais de água", que incluem três planetas dentro da zona habitável da estrela. Em 22 de fevereiro de 2017, os astrônomos anunciaram o descobrimento de sete planetas do tamanho da Terra que orbitam a estrela anã ultrafina TRAPPIST-1 há 40 anos luz de distância. Isto faz de TRAPPIST-1 o sistema planetário com o maior número de planetas com este tamanho descobertos até agora.

Uma equipe internacional de cientistas liderados pelo astrônomo suíço Vincent Bourrier do Observatório da Universidade de Genebra, utilizou o Espectrógrafo de Imagens do Telescópio Espacial (STIS) no Telescópio Espacial Hubble da NASA e ESA para estudar a quantidade de Radiação ultravioleta recebida pelos planetas do sistema, que pode dar indícios de água.

Segundo Bourrier, "a luz ultravioleta das estrelas pode romper o vapor de água em hidrogênio e oxigênio" e, ao ser leve, o gás hidrogênio pode escapar da atmosfera dos exoplanetas e ser detectado nos arredores com telescópios como tem feito o Hubble.

Por outro lado, a quantidade observada de radiação ultravioleta emitida por TRAPPIST-1 sugere que os planetas interiores poderiam ter perdido quantidades gigantescas de água, equivalentes a 20 oceanos da Terra durante os últimos oito bilhões de anos, tal como foi apontado. Contudo, os planetas exteriores teriam perdido muito menos água, porque é existente outro indício de que "poderia ter sido retido" água nestes planetas.

Não obstante, Bourrier qualificou que "não é possível concluir que haja água" e "tem que continuar pesquisando", sobre tudo nestes planetas exteriores com o próximo Telescópio Espacial James Webb, de forma que se determinará se os planetas são ou não habitáveis.

Fonte: Space Telescope

Clássico da Ficção Científica é relançado nos cinemas dos EUA e Canadá

No dia 1 de setembro de 2017, um grande

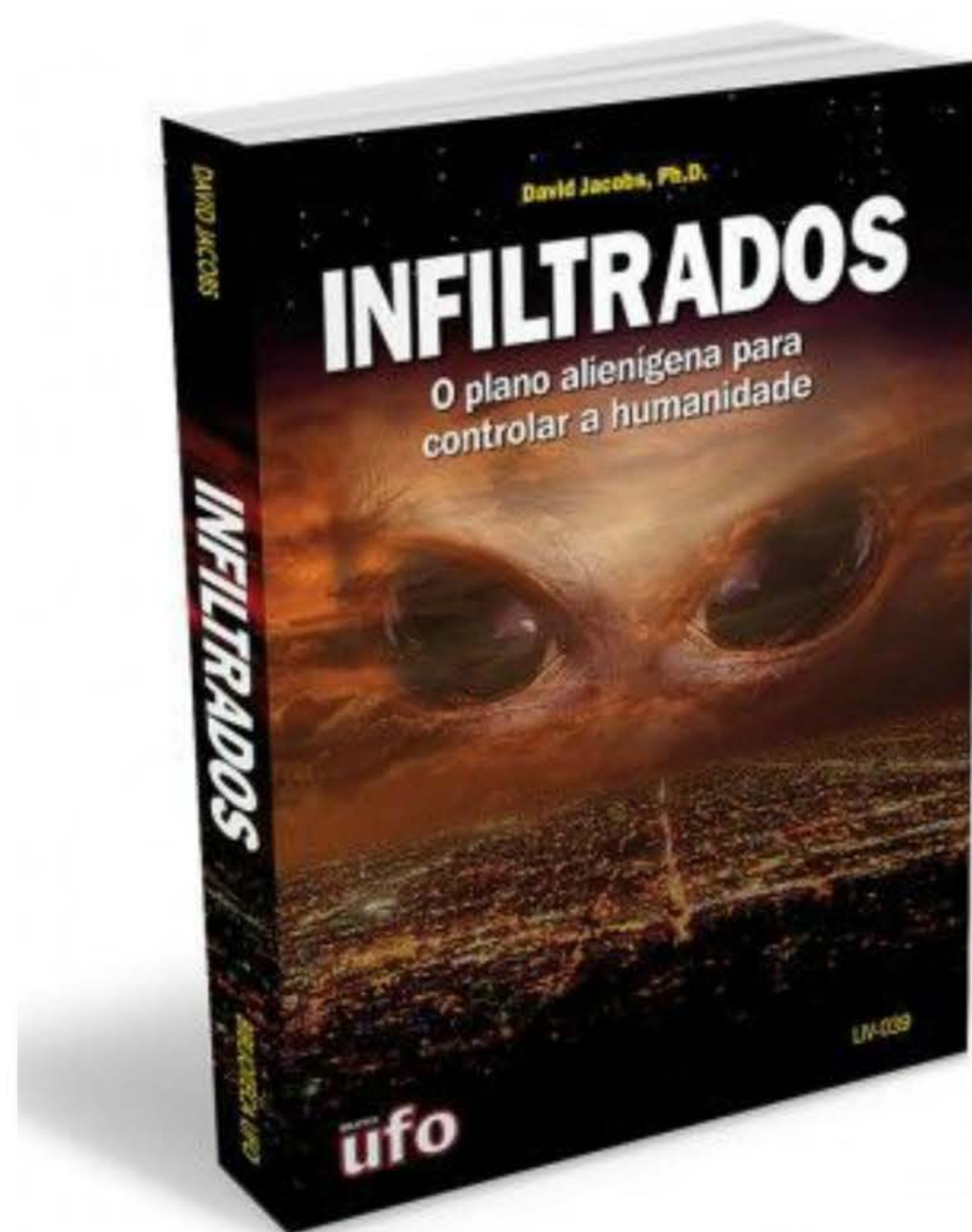


Cena clássica do filme "Contatos Imediatos do Terceiro Grau" de Steven Spielberg", que comemora seu 40º aniversário.

clássico da ficção científica foi relançado nos cinemas dos EUA e Canadá. O filme "Contatos Imediatos do Terceiro Grau" que foi sucesso em 1978, teve sua versão remasterizada em 4K para exibição nas telonas e para uma versão especial em Blu-Ray para comemorar seu 40º aniversário. Não há informações oficiais por parte da Sony Pictures para que ocorra uma exibição do clássico da ficção científica no Brasil. Os fãs aguardam ansiosamente para que a exibição aconteça, mas é certo que a versão remasterizada para Blu-Ray chegará ao Brasil. No entanto, não há data prevista para lançamento.

"Infiltrados", o livro que está dando o que falar no meio ufológico

"Infiltrados – O Plano Alienígena para Controlar a Humanidade" é o mais novo livro lançado com exclusividade pela Revista Ufo. O livro foi escrito pelo renomado pesquisador norte-americano, David Jacobs, autor também dos livros "A Vida Secreta" e "A Ameaça" (Editora Rosa dos Tempos). David Jacobs tem a titulação de Ph.D, é professor de História Americana e Cultura do Século XX na Universidade de Temple, na Filadélfia. É um pesquisador bastante conhecido no cenário ufológico mundial por sua grande contribuição na pesquisa e entendimento do fenômeno das abduções. Também acaba sendo conhecido por suas afirmações contundentes e um tanto quanto polêmicas, no entanto, sempre se baseando em suas rigorosas pesquisas. Seu novo livro "Infiltrados", não deixa de ser polêmico e tem dado o que falar no meio ufológico, pois através desta obra o pesquisa-



Capa do livro "Infiltrados", publicado pela Ufo

dor quer deixar claro quais seriam as intenções dos nossos estranhos abdutores.

Segundo o autor, o propósito alienígena é basicamente gerar seres híbridos, por meio da mistura de materiais genéticos deles (alienígenas) e humanos. Em seguida, os alienígenas inserem estes seres em nossa sociedade até que restem somente híbridos, estando eles sob total supervisão e controle dos alienígenas. Os híbridos poderiam deter emoções humanas, contudo, qualquer tipo de fidelidade pertence aos seus criadores. O "cruzamento genético" ocorre por inseminação artificial. Pessoas ao redor do mundo têm sido abduzidas, levadas a bordo da nave e lá teriam seus óvulos ou espermatozoides retirados. Geralmente, quem acaba gestando o bebê seria uma mulher (humana) que tem seu feto retirado num determinado período.

Jacobs levanta a afirmativa que o objetivo maior dos alienígenas é a integração destes seres em nossa sociedade. Para isto, existem quatro programas já definidos: o Programa de Abdução, Programa de Procriação, Programa de Hibridização e por último o de Integração. Este último que finaliza no momento que os alienígenas assumiriam o controle total da nossa espécie.

Quer saber mais sobre este belo livro? Então



Da esquerda para a direita: Thiago Luiz Ticchetti, Toni Inajar Kurowski, o astro Giorgio Tsoukalos, Ademar Gevaerd, André de Pierre e Brien Foerster.

não deixe de adquirir na Biblioteca Ufo através deste link: <http://ufo.com.br/loja/biblioteca/ver/infiltrados-o-plano-alienigena-para-controlar-a-humanidade>

Astro da série "Alienígenas do Passado" esteve no Brasil

Giorgio Tsoukalos, astro da aclamada série "Alienígenas do Passado" apresentada pelo canal History Channel, esteve no Brasil para participar de um grande evento de divulgação da nova temporada da série. Giorgio esteve no Brasil entre os dias 24 e 27 de setembro, participando assim de diversas entrevistas para diferentes meios de comunicações. Tendo como destaques as suas participações para o programa de talk-show "The Noite" apresentado por Danilo Gentili do SBT e uma entrevista exclusiva para a Revista Ufo. A Revista Ufo na qual teve grande participação e contribuição para o evento, pois o dia 27 de setembro foi marcado pela grande apresentação do Giorgio Tsoukalos, tendo como propósito um bate-papo com o astro. Para este bate-papo, os ufólogos, Ademar Gevaerd, Thiago Luiz Ticchetti, Toni Inajar Kurowski, André de Pierre e Brien Foerster, foram convidados especialmente pela equipe do History para participarem como painelistas, ou seja, fazendo perguntas ao Giorgio. Nem

precisa falar que o evento foi um sucesso de público e repercussão na mídia!

Giorgio Tsoukalos é diretor do "Center of Ancient Astronaut Research" fundado por ele e pelo escritor Erich von Daniken (autor do livro "Eram os Deuses Astronautas?").

Nasceu na Suíça, tem origem grega, Tsoukalos tendo 39 anos, já realizou trabalhos não somente para o History, mas também para o Discovery Channel, NatGeo e outras emissoras. É considerado um dos principais teóricos dos "Antigos Astronautas" da atualidade, detendo uma legião de fãs.

Giorgio também faz sucesso na internet, especificamente nas redes sociais, pois ele acabou sendo conhecido no mundo todo como um "meme".



Giorgio Tsoukalos participou do talk-show "The Noite", apresentado por Danilo Gentili do SBT.

EGITO, SIM ERA EX

NACHO ARES
Egiptólogo



EXTRATERRESTRE!



Extraterrestre significa literalmente que pertence ao espaço exterior da Terra ou procedente dele. Uma fraca, mas sugestiva, presença extraterrestre tem sido empregada em numerosas ocasiões para explicar os enigmas da cultura egípcia. No entanto, poucas vezes pensamos nos elementos autenticamente extraterrestres que sustentam as crenças dos antigos egípcios: adoração e culto de um legado realmente vindo das estrelas.

A culpa está na falta de respostas. A cultura faraônica, que brilhou com um esplendor sem igual entre seus contemporâneos, é a civilização da Antiguidade que mais enigmas acumulam ao longo de seus mais de 3.000 anos de história. A construção das pirâmides, sua perfeita orientação astronômica ou os incompreensíveis textos que acompanham, aponta para a mesma direção: as estrelas.

Alguns dos mistérios que rodeiam a cultura egípcia vez ou outra são especulados e tendo propostas pela comunidade científica (ou não) de uma maneira até aventurada, como sendo de origem extraterrestre. Os próprios textos antigos nos falam de visitas e viagens até às estrelas. O "Livro da Vaca Celestial" nos conta como os deuses primogênitos chegaram do céu e, como vamos ver na continuação, os Textos das Pirâmides descrevem com todo

detalhe como podia viajar o faraó até às estrelas, nos chamados “textos de ascensão”. Porém, mais além da interpretação subjetiva que queremos dar a estes documentos religiosos, o certo é que as pistas de uma realidade extraterrestre no Egito faraônico são mais abundantes do que podemos acreditar. Não falam de seres greys de pequeno tamanho com olhos enormes, mas mostram uma realidade de igual assombro e mistério.

Os deuses das estrelas

Os *Textos das Pirâmides* são os textos religiosos mais antigos da humanidade. Aparecem pela primeira vez na pirâmide do faraó Unas em Sakkara (2350 a.C.). Seu conteúdo é completamente estelar. Ao longo de quase 230 fórmulas apresenta os passos necessários para que o faraó morto suba até o céu e se una com seus ancestrais, os deuses das estrelas.

“Por qual motivo os antigos egípcios acreditavam que seus deuses eram procedentes das estrelas? O que os fez pensar que o faraó tinha procedência do mesmo lugar e que devia reincorporar-se a sua natureza estelar?”

Nos *Textos das Pirâmides* podemos encontrar as respostas. Ali é citado acerca de misteriosos “raios” que cruzavam os céus do Egito. Estes raios, chamados *bia*, eram feitos de um estranho mineral, terrivelmente duro. Ainda o que era mais espetacular seriam seus poderes mágicos.

Os *bia*, literalmente “o metal do céu”, deveriam ser meteoritos ricos em ferro, os chamados sideritos (também chamados de meteoritos ferrosos ou metálicos). Os egípcios viram neles um gesto de graça por parte dos deuses celestes, os mesmos que milhares de anos antes desceram para a Terra criando a civilização.

Hoje sabemos que muitos destes meteoritos eram divinizados e adorados em templos. No livro II da *História Natural de Plínio o Velho* (23-79 d.C.) podemos ler como era o templo de Abydos, a morada de Osíris, divindade solar, em que tempos depois descobre-se que, a ele adorava-se uma pedra que a tradição identificava como caída do céu. Outros textos nos dizem que em Abydos era venerado uma

das relíquias mais importantes de Osíris, sua cabeça. Nisto somamos que os egípcios pensavam que os ossos dos deuses eram feitos de ferro meteorítico, poderíamos então especular que a cabeça de Osíris era um meteorito que recordava o crânio do deus dos mortos.

Os egípcios empregaram o material para eles sagrados (não podemos esquecer que contava com uma elevada porcentagem de níquel, quase 10%), para a confecção de ferramentas mágicas que eram utilizadas em rituais. Curiosamente este ferro não era utilizado para fins práticos, como poderia se esperar dele, devido sua extrema dureza. Os egípcios entendiam que seu poder radicava na mesma essência do material e, sobre tudo, vindo do mesmo lugar mágico, o céu dos deuses.

O berço dos deuses “extraterrestres”

Da antiga cidade de Heliópolis, a cidade do Sol, hoje praticamente não resta nada. Alguns vestígios podem ser vistos junto da zona de Matareia, no Cairo. Do templo original não há pistas, porém, todos os textos antigos falam dele como lugar onde se abrigava o sagrado *Ben-ben*, a pedra primogênita da qual surgiu a vida segundo a cosmogonia heliopolitana.

Textos como a pedra de Shabaka conservada no Museu Britânico de Londres, relatam que antes de existir o universo, houve um espaço e um tempo que nem sequer as lembranças poderiam alcançar. Nesta profunda escuridão, a nada mais absoluta, o *Nun*, o não-ser, flutuava em um oceano de água inerte. Em certo momento, das águas desse vazio insondável surgiu a colina primogênita, uma colina piramidal de cor escura. Em seu vértice emergiu o deus solar *Atum*, o primeiro deus criador, o mesmo que deu vida a todos os deuses celestes que chegaram à Terra na origem dos tempos.

Segundo a cosmogonia de Heliópolis, a pedra *Ben-Ben* foi aquela colina primogênita que serviu de suporte para o disco solar. Na própria cidade de Heliópolis se construiu a Mansão do *Ben-Ben*, lugar no qual os sacerdotes heliopolitanos conservavam zelosamente a relíquia desta colina, símbolo do sêmen criador petrificado do deus *Atum*.



Adaga encontrada na tumba do faraó Tutankhamon (1346-1327 a.C) veio, literalmente, do espaço. Em uma análise para determinar a origem do ferro que compõem a arma, pesquisadores pelo Museu Egípcio do Cairo e pelas universidades de Pisa e Politécnica de Milão, determinaram que o material é proveniente de um meteorito.

**** Créditos da Imagem: Museu Egípcio do Cairo***

Uma vez mais, para muitos investigadores esta pedra *Ben-Ben* não seria outra coisa que um meteorito; uma pedra caída do céu na pré-história e que mudou de forma traumática a maneira de crer e pensar dos antigos egípcios.

Nasce um projeto estelar

Qual era a forma e o material de que era feita esta enigmática relíquia? O ignoramos já que não contamos com nenhuma descrição nem a pedra em si. Contudo, pelas descrições dos textos parece indicar que pode ter se tratado de um fragmento de meteorito com a forma piramidal, um sinal dos deuses. Este estranho elemento piramidal cujo verdadeiro significado podemos somente especular, está também relacionado com o pyramidion, o vértice que finalizava as pirâmides e também os obeliscos, ícones solares por antonomásia. *Imhotep*, sábio arquiteto e finalmente deus no I milênio antes da nossa era, passa a ser o idealizador e criador da forma piramidal. A sua

engenharia deve-se a construção da primeira pirâmide da história, a do faraó *Zoser* no planalto de Sakkara, em 2650 a.C. Ele criou esta espetacular escada até o céu que conectava o rei falecido com seus ancestrais estelares.

Se revisássemos os cargos que desempenhou em vida, encontraremos um especialmente único. *Imhotep* ostentava o posto de "Inspetor de tudo o que o céu traz" e se diz que seu extraordinário conhecimento na astronomia e em toda a classe de ciências era proveniente de um misterioso livro de origem celeste. Uma vez mais encontramos esse vínculo com o mundo extraterrestre na literatura egípcia das primeiras dinastias e que nos aproximam, seguramente, ao mundo dos meteoritos.

Esta relação a encontramos desde as primeiras dinastias. Há 15 km ao sul de Heliópolis, numa localidade conhecida como Abu Gurab, encontravam os antigos complexos dos templos solares dos reis da V dinastia. Hoje apenas restam dois deles, o de Userkaf e o de Niuserre. Tratava-se de estruturas abertas em

cujos pátios, havia um altar para sacrificar animais, erguia-se um enorme obelisco em homenagem ao deus Ra, o Sol.

A estrutura do conjunto era semelhante a que podia ter um complexo piramidal. A única mudança era a pirâmide, substituída no caso de Abu Gurab por um grosso e atarracado obelisco. Atualmente de todo este complexo nos restam mais que umas poucas ruínas, o suficiente para que os arqueólogos entendessem a importância do lugar e de seu antigo significado.

Objetos extraterrestres para reviver os mortos

O vínculo de união entre o mundo celestial com o âmbito funerário, se manteve durante toda a história do Egito. Se os *Textos das Pirâmides* davam as fórmulas necessárias para que o rei falecido regressasse às estrelas, os textos funerários posteriores, destinados a ajudar a todos os egípcios de qualquer grupo social nesta viagem ao mundo de Osíris, continuaram com as mesmas ideias.

O Livro dos Mortos, conta com uma passagem singular em que se descreve a chegada da múmia até a entrada da tumba. Ali recebe por parte dos sacerdotes o ritual de Abertura da boca, isto é, uma liturgia por qual o defunto recuperava seus cinco sentidos para poder começar a viagem ao “Mais Além”. Um sacerdote *sem* se colocava diante da múmia erguida em frente a porta da tumba, finalizada por uma pirâmide, e gesticulava com uma espécie de enxada de cor escura. Esta estranha ferramenta, chamada *setep*, segundo muitos egiptólogos, seria feita de ferro meteorítico, uma evidência a mais da presença de elementos extraterrestres na região egípcia e seu extraordinário valor nos rituais de iniciação. Em outras ocasiões era utilizada com a mesma finalidade o chamado *psesh-kef*, uma ferramenta com forma de rabo de peixe.

Além de ser utilizada nas múmias, esta liturgia também se usava para dar vida a qualquer tipo de animal sagrado e inclusive templos ou estátuas. Antigamente era feito pelo mesmo artesão que fazia a estátua, sem a necessidade de usar um sacerdote como intermediário. No

caso das múmias o ritual de Abertura da boca se celebrava em duas ocasiões. Primeiro se realizava imediatamente depois de finalizar o processo de embalsamento, na oficina de embalsamadores. Mais tarde, o ritual se repetia como temos visto, antes que o sarcófago e a múmia fossem colocados no interior da tumba para a eternidade.

Mais uma vez nos deparamos com um dado que reforça a ideia de que os antigos egípcios relacionavam a origem da vida e a existência depois da morte com o mundo fora de nosso planeta.

A pedra de Tutankhamon

Um novo exemplo encontra-se na tumba de Tutankhamon, descoberta em 1922 pelo arqueólogo britânico Howard Carter. Em uma das caixas com joias apareceu um peitoral cujas peças formavam em escritura críptica o nome cerimonial de entronização do Faraó Menino, Nebkheperure. A joia, de 14,9 cm de altura, feita de ouro, prata, incrustações de Lápis-lazúli, carnalita, obsidiana, diferentes cristais de cores e, o mais incrível de tudo, uma misteriosa pedra. No centro do peitoral destaca um escaravelho que sustenta a barca solar de Ra em sua viagem pelo firmamento. O inseto está talhado a partir de uma pedra translúcida de cor esverdeada de natureza única.

Na realidade trata-se de um mineral único denominado pedra do deserto (calcedônia translúcida). Foi descoberto pela primeira vez no ano de 1932 pelo cartógrafo britânico Patrick A. Clayton. Além de ser o primeiro homem que cruzou de leste a oeste o Grande Mar de Arena pelo paralelo 27 que se abre por todo o deserto Líbico do Egito, no retorno deu de cara com este mineral tão curioso. Sua origem seguramente está relacionada com algum objeto estelar que chocou com a Terra há uns 28 ou 29 milhões de anos. O mais provável é que o meteorito em questão se chocou com tanta força contra o nosso planeta que lançou ao ar “cinzas derretidas” de material que, depois esfriou em poucos segundos, caíram outra vez ao solo, gerando este monóxido de silício de grande pureza. O passar do tempo com a fragilidade da erosão



No detalhe, o “alien” do Vale dos Reis. Trata-se de um dos fetos mumificados de um dos filhos do Faraó Tutankhamon (o DNA não deixa dúvida alguma), descobertos por Howard Carter.

do vento fizeram o resto: uma superfície cristalina realmente incrível em que se destacam especialmente as tonalidades esverdeadas, como é o caso da pedra que forma o escaravelho do pequeno peitoral de Tutankhamon.

Os egípcios conheciam a natureza desta pedra extraterrestre. Sua força simbólica foi empregada na joia do Faraó Menino para reforçar a ideia da magia solar e lunar que exala o peitoral.

O “alien” do Vale dos Reis

Se buscarmos na internet vídeos de seres extraterrestres no antigo Egito, facilmente iremos nos deparar com este exemplo. Suas visualizações se contam em milhões. A imagem é espetacular, quase aterradora. A história conta que próximo de Lahun, ao sul do oásis de El Fayum, uma expedição secreta descobriu dentro de uma pirâmide os restos do que em termos ufológicos se conhece como Entidade Biológica Extraterrestre (EBE).

A primeira vez que eu vi esta misteriosa múmia (porque sim, eu a vi) foi no hospital Kasr El-Eini do Cairo no ano de 1999. O Dr. Gaballa, seu redescobridor, me mostrou em uma das estadias do hospital onde havia aparecido junto a outras múmias esquecidas desde décadas atrás.

O mistério deste corpo de cor cinzenta reside no fato que o mesmo apareceu na tumba de Tutankhamon, em 1922. Contudo, trata-se de

um dos fetos mumificados de um dos filhos do Faraó Menino (o DNA não deixa dúvida alguma), descobertos por Howard Carter nesta tumba. A fotografia não demorou a chegar aos meios de comunicação, logo em seguida para os fóruns de mistérios ufológicos. Enigma resolvido!

O estranho visitante de Ptah-Hotep

Nos anos 90, diante da aparentemente assombrosa evidência definitiva que mostrava esta fotografia, especulou-se um alienígena clássico em uma tumba de Sakkara. Ele tinha tudo: cabeça desproporcionada, grandes olhos negros rasgados e pele cinza. Precisava de mais alguma coisa para demonstrar a presença de seres de outro planeta no Egito faraônico?

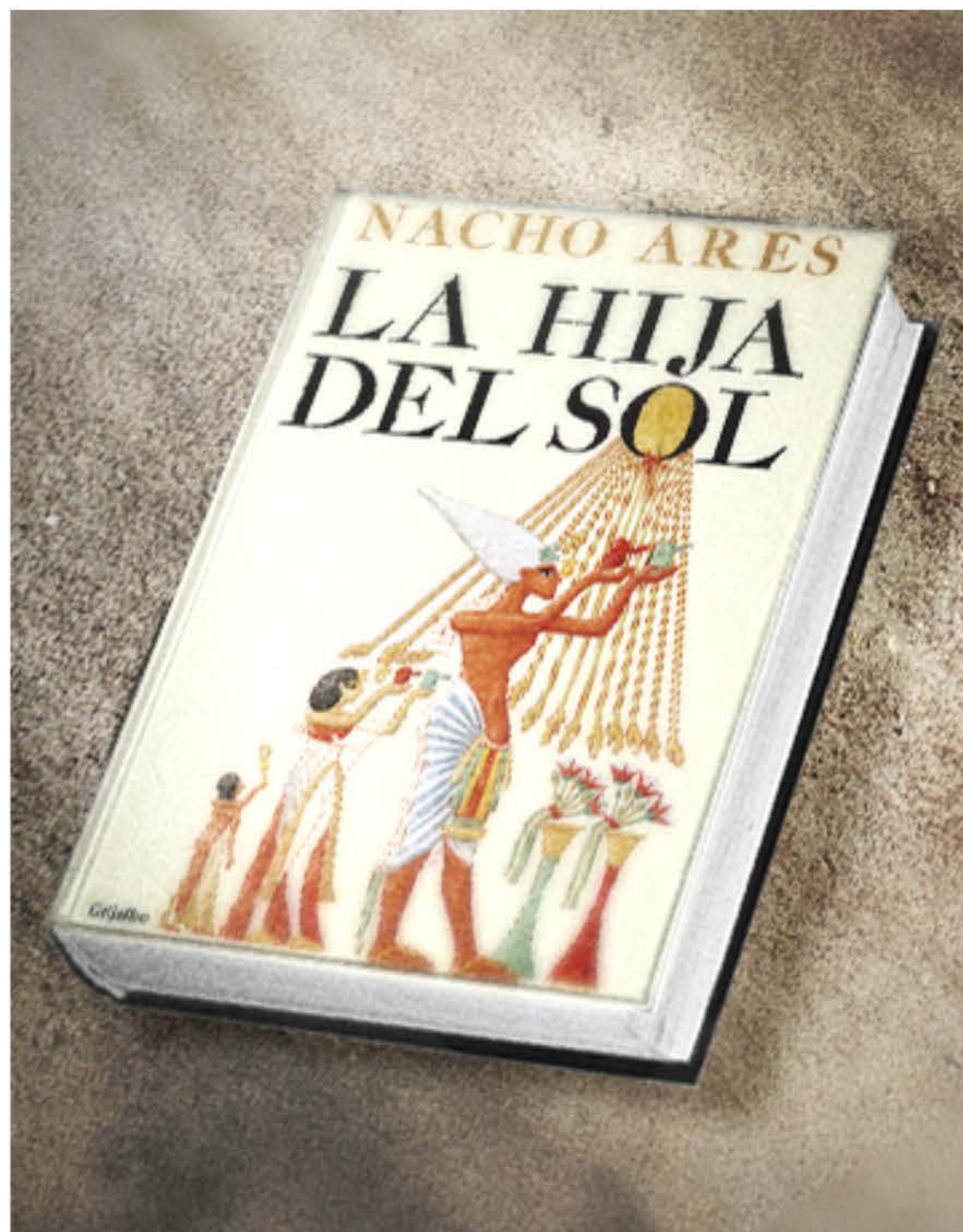
A imagem era da tumba de Ptah-Hotep, Vizir do faraó Djedkare-Isesi, (V dinastia, ca. 2400 a.C.). A primeira vez que a vi já observei algo que não encaixava. O ser era excessivamente claro. Contudo, partes da anatomia do oferente que havia a sua direita, pareciam sobrepor, algo incomum na arte egípcia.

Quando aos poucos meses visitei a tumba de Ptah-Hotep em Sakkara, de efeito, descobri ao observar a cena cuidadosamente que, como se vê na segunda imagem, o famoso alienígena era na realidade uma “pareidolia”.

Simplesmente, não era mais que um jarro de asa dupla, onde um par de frutos dava forma de “olhos” grandes e negros.

Porém, mais além destas fraudes ou mal-entendidos, talvez o mais importante de tudo

é que os egípcios o conheciam. Sabiam que mais além de nosso planeta havia algo. Talvez não alcançavam a compreender o quê, mas sua certeza na procedência destes objetos extraterrestres era clara. Cada vez que alguém me perguntava sobre vida mais além de nossas fronteiras terrestres, minha resposta tem sido firme e contundente. Sei que não estamos sós no Universo e que, muito possivelmente, da mesma forma que nós vamos, eles podem vir. Agora bem, isso não demonstra de nenhum modo que eu aceite que a cultura egípcia seja de origem ou tenha influência extraterrestre. Ao contrário, nos 25 anos que tenho investigado neste campo, ainda não encontrei uma só prova disto. Todavia, ainda pareça paradoxal, os antigos egípcios sim tiveram contato com este mundo distante e fantástico, sendo que deixou pegadas absolutamente claras e evidentes na sua cultura, porque sim, Egito sim era extraterrestre...



COMO COMPRAR O LIVRO "LA HIJA DEL SOL"

Egito, 1350 a.C. Com a finalidade de terminar com os privilégios de um clero corrupto, o faraó Akhenaton, apoiado pela sua irmã, a bela e sábia Ísis, decide buscar outra capital para o reino e instaurar um novo culto a Aton, o deus Sol.

AMAZON: <https://goo.gl/JcVs8m>

iTUNES: <https://goo.gl/ThvcU7>

Sobre o autor, Nacho Ares:

Nasceu em León no dia 27 de agosto de 1970. Licenciado em História Antiga pela Universidade de Valladolid, dedicou-se todo o tempo que podia que não é pouco, para a investigação e divulgação em diferentes meios de comunicação dos enigmas históricos que rodeiam o mundo do antigo Egito. Nacho Ares tem certificação em egiptologia no KNH Centre of Egyptology (University of Manchester), onde se dedicou a um projeto de investigação para rastrear os vestígios do culto osiriano nos shabtis (ushebtis) da época Amarna.

Até o momento já publicou mais de 16 livros, 10 dos quais são dedicados a cultura egípcia.

Fale com o autor:

Facebook:

www.facebook.com/Nacho.Ares.Oficial/

Twitter:

<https://twitter.com/NachoAres>

Youube:

<https://www.youtube.com/dentrodelapiramide>

Site:

<http://www.nachoares.com/>

E-mail:

latumbaperdida@hotmail.es



Finalmente revelados os últimos segredos ufológicos dos russos



O país que durante décadas foi um dos mais fechados do mundo é também o que tem a mais rica e intensa casuística ufológica, em especial dos chamados objetos submarinos não identificados (OSNIs). Mas conhecê-la é uma tarefa difícil e espinhosa, na qual mergulharam o ucraniano naturalizado norte-americano Paul Stonehill e o inglês Philip Mantle para coletar os mais impressionantes registros da manifestação de UFOs e OSNIs e da ação de seus tripulantes em todo o vasto território da então União Soviética, ou Rússia após a queda do comunismo.

OSNIs: Os Incríveis Segredos dos Russos descortina um universo fascinante que mistura observações de navês alienígenas nos céus e nos mares com a convivência entre seus pilotos e a população local das inúmeras unidades da hegemônica nação.

224 páginas
Código LIV-036
Preço normal R\$ 49,70

“ O livro mais revelador dos últimos tempos sobre aliens na Rússia ”

— Gary Heseltine

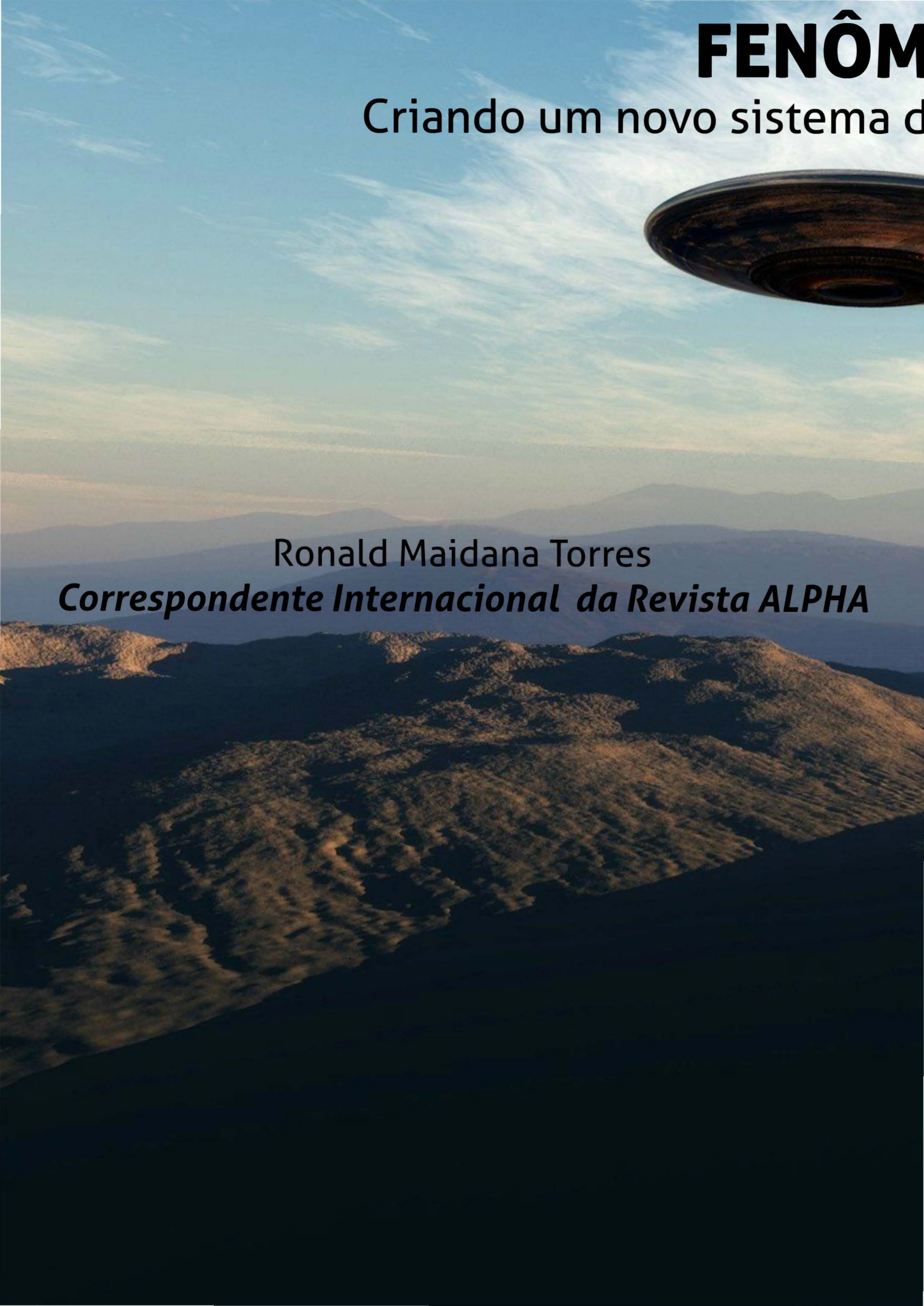
“ Stonehill e Mantle se superaram em um trabalho excepcional de pesquisa ”

— Jacques Vallée

“ Finalmente vêm à tona segredos que os russos insistem em esconder ”

— Roberto Pinotti

ufo

A photograph of a mountain range at sunset or sunrise. The sky is a mix of blue and orange, with wispy clouds. In the upper right corner, a dark, saucer-shaped object, resembling a UFO, is visible. The mountains in the foreground are dark and silhouetted, while the background shows layers of hazy mountain ranges.

FENÔM

Criando um novo sistema d

Ronald Maidana Torres

Correspondente Internacional da Revista ALPHA

ENNO UFO

de classificação a partir do caos



A problemática dos OVNIs

Desde quando a relação tempo-resolução de um problema, se converteu em um fator determinante para sua existência?

A incapacidade para esclarecer questões complexas não se traduz na inexistência do problema, mas sim uma má perspectiva que produz resultados nulos, aparentemente vácuos, projetando em pensamentos circulares. O tempo em seu imparável devir, cansa a mente do ser pensante, arrebatando inexoravelmente fundamento a fundamento da quadratura de suas visões, até o ponto de deixa-lo em uma planície absolutamente estéril desolado das hesitações e argumentos dessa exploração inicial, e perante a essa circunstância final, a negação sistemática de suas conjecturas, do objetivo de suas buscas, da mesma substância em questão.

Isaac Asimov expressou uma vez, "A ciência não garante uma resposta para tudo. O único que oferece é um sistema para obter respostas uma vez que já se tem informação suficiente", e no caso que nos pertence, "a ufologia", são precisamente os dados que se aglutinam vertiginosamente com o tempo, até o ponto que se transformou em uma autêntica madeixa fenomenológica, em uma entropia de proporções astronômicas.

Desde então, um frenesi perene para obter novidades em torno dessas manifestações celestes tem se apresentado, abandonando as análises dos dados e as investigações pretéritas. Afinal, somos cronistas ou investigadores?

O termo ufologia "UFO" sigla inglesa de "Unidentified Flying Object" (Objeto voador não identificado), e "logia", do termo composto derivado do grego "logos" que significa "estudo ou tratado", se refere a um estudo de todo objeto ou fenômeno aéreo ou quase-aéreo de natureza ignota. Nesse sentido seu estudo se traduz em uma miríade produção de dados, consequência de uma contratação com todos os fenômenos ou objetos conhecidos, em outros termos,

coleciona e elabora relatos “de tudo que não é” (provas negativas), e não foca na análise de “o que pode ser” (provas positivas). Torna-se nevrálgico esclarecer que se esse processo de seleção ou rastreio dos casos de OVNI de OVIs (Objetos Voadores Identificados) apenas deve constituir um filtro inicial casuístico e não a ufologia de fato.

“É necessário tirar os OVNI do campo de outras ciências (Astronomia, Meteorologia, etc), onde sempre fará o papel de parente pobre e vai tentar reduzi-los por fenômenos conhecidos” (Ribera, 1973, p. 18) No entanto a ufologia até hoje não foca somente em estudos de “casos desconhecidos”, mas segue o processo aparentemente ad *eternum* discriminação do que se trata de OVNI ou não, estando órfão comparado com as variadas disciplinas atualmente robustas. É inevitável a natureza interdisciplinar da ufologia, como todas as ciências ou conhecimentos se inter-relacionam com outra, essa interdisciplina constitui uma espécie de navalha suíça analítica embora tenham feito o uso dela, mas é um erro delimitar uma ou outra, é exatamente como expressou Ribera, é necessária a independência, e para isso é indispensável um “marco metodológico standard”, apesar das arbitrariedades que são necessárias em construções desse tipo, mas, que facilitarão o processo investigativo.

Na informática existe o conceito de “programação esotérica”, uma linguagem de programação de implementação duvidosa devido ao ofuscamento da linguagem em si, realizando um paralelo com a ufologia, é precisamente esse ofuscamento accidental (devido à inexistência de um marco metodológico) o que alimenta o argumento dos críticos de sua efetividade, ao não encontrar “respostas positivas”, verificáveis e na obstinação de “respostas negativas”.

Uma evidente anarquia floresce na ufologia, se bem que é correto que cada investigador siga uma determinada linha de pensamento, motivado por convicções estritamente internas, pelo menos se deveria respeitar certos “princípios pré-estabelecidos” durante a coleta de dados, filtragens, análises, ajudando os resultados com seus pares para a colheita, revisão, e subsequentemente contribuindo para a carga em uma colossal base de dados

mundial aberta, refinada, (lamentavelmente inexistente até o dia de hoje), onde a linguagem não representa impedimento algum tanto a distância, graças às plataformas WEB na internet, em um genuíno trabalho colaborativo, ascendendo um corpus data sólido, alienado de motivações intrínsecas de cada investigador do fenômeno OVNI.

Se o resultado tem sido aparentemente infrutífero é necessário replantar tudo, as perguntas iniciais, as modelagens que repousam nessas concepções iluminadas por essas hesitações, mudar o foco drasticamente, antes que as “ciências duras” o assimile, reduzindo a um mero mito contemporâneo, para isso o mais difícil, é realizar as perguntas corretas.

“A ufologia não tem ontologia” (Vallée, 2014), isso é “o estudo do ser”, “A mesma substância do objeto de estudo”, por motivos apresentados anteriormente. “Suponhamos que a chamada Divulgação acontecesse amanhã; se fosse o ocorrido, e a mídia começasse a levar a sério o assunto e consultasse os ufólogos para obter informações sobre o fenômeno, ‘seríamos incapazes de responder a uma série de perguntas básicas’” (ibíd.). Na ocasião eminente o astrofísico PhD. Jacques Vallée esboçou uma lista de “perguntas sem respostas: “Há padrões globais nos dados? Quais são os fatos do fenômeno? Existem lugares especiais onde se manifestam? Quais os fatores sociais e culturais? Qual é o impacto nos seres humanos? Qual metodologia é aplicada?”

“E por que “o fenômeno tem demonstrado um nível de complexidade que desafia a análise incluindo a descrição racional? Ou e -na minha opinião- porque não há nenhum fenômeno realmente novo? É evidente que podemos dar fé a um fracasso na busca de estatísticas constantes duradouras ou em provas extraordinárias admissíveis (materiais, gravados ou observados) de um novo tipo de ente físico ou para físico que se manifesta em nosso entorno” (Ballester, 2015). Uma reflexão que destila o mais profundo pessimismo por parte do sábio investigador espanhol, Juan Vicente Ballester Olmos, quem me serviu de inspiração, de seus trabalhos e livros, assim como os de Jacques Vallée. No entanto temo diferir no postulado dele, ainda mais quando

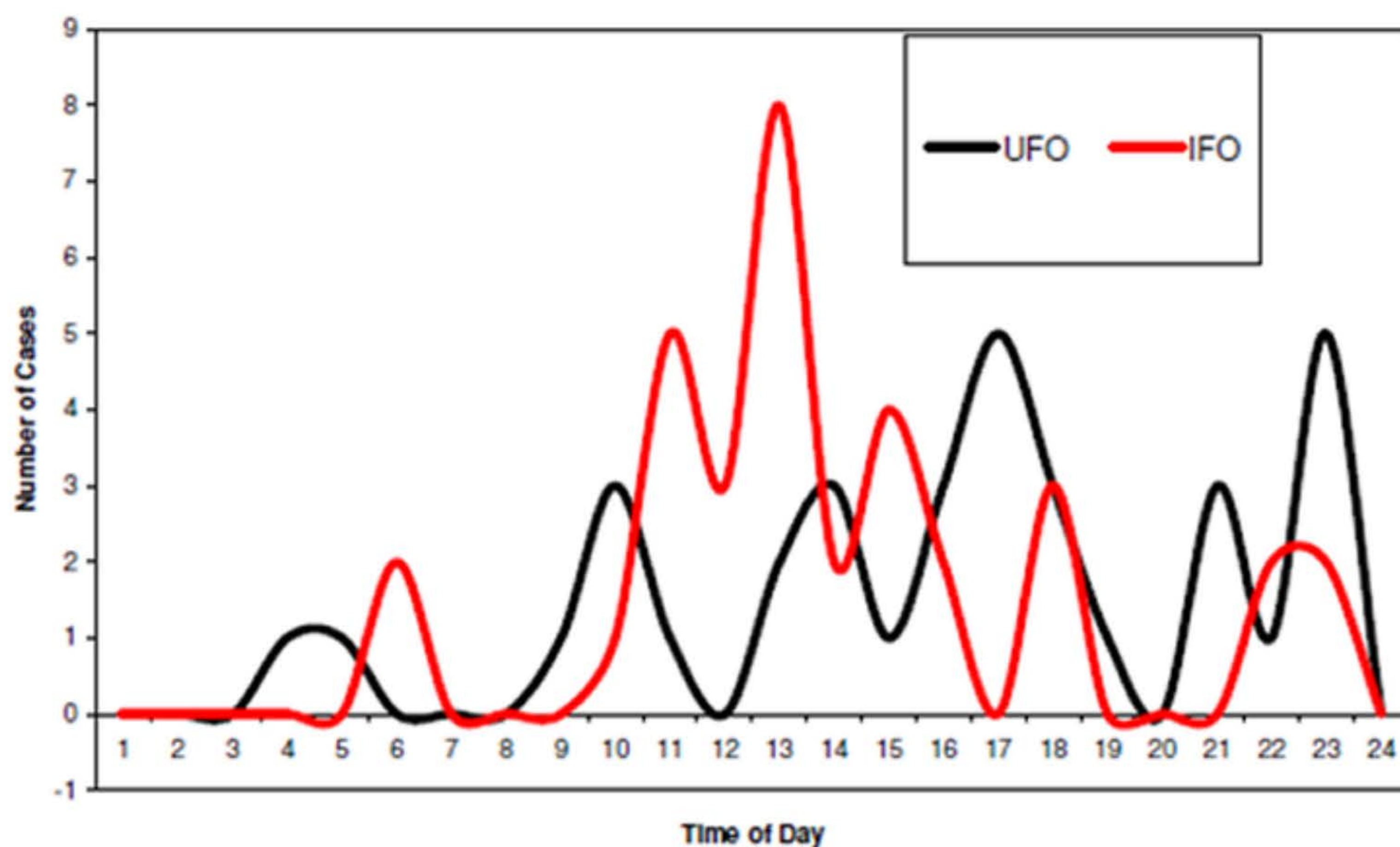


Imagem 1: Comparação da distribuição horária entre os casos OVNI ("UFO", linha preta) OVIs ("IFO", linha vermelha)

expõe o seguinte: "O que acontece se os OVNI tiverem algo mais relacionado com nosso mundo interior do que com o mundo exterior? O que acontece se isso não tivesse nada a ver com a complexidade em absoluto? E se isso devesse simplesmente ao fato que na realidade estamos administrando um fenômeno onde um número infinito de causas, estímulos, objetos e processos, tanto naturais como artificiais (feito pelo homem) que provocam a falsa impressão de que todos os avistamentos procedem de um mesmo e único princípio?" (Ibíd.).

Concordo com Ballester que o fenômeno OVNI só resulta ser uma sinédoque, um mal chamado "fenômeno" quando é "a soma de vários deles" que convergem aparentemente como epifenômenos talvez díspares, de diferente natureza, mecânica, física, lógica e de padrões como se poderia deduzir. Porém, paradoxalmente as estatísticas apresentadas por Ballester, arrastam um foco ruim devido ao ofuscamento que se apresenta ao misturar esses diversos fenômenos como um só. (Ver imagem 1).

Supondo que a ufologia sofre uma entropia (caos), na qual por analogia, enquadra perfeitamente o "Segundo princípio da Termodinâmica", enunciando que "a quantidade de entropia tende a se incrementar com o tempo", precisamente é o que vem acontecendo, e argumento, é possível rastrear

a gênese dessa entropia, nas investigações pioneiras que serviram de modelo ou guia para os estudos subsequentes, herdando esses sistemas de classificações, que sem nenhuma intenção, até o momento produziram esse novelo inextricável de dados que infunde uma certa animadversão para "desenrolar" e "ordenar".

Exposição, análise e crítica aos sistemas anteriores

O pai da ufologia científica, o Dr. Joseph Allen Hynek, distinto astrônomo, assessor no famoso "Projeto Livro Azul" ou "Blue Book Project" (1952-1969), uma iniciativa das Forças Aéreas dos Estados Unidos com a preocupação de esclarecer a natureza dos OVNI, posterior a outros comitês prévios como o "Sign" (1948-1949), e o "Grudge" (1949-1951), mostrou em seu exitoso livro "The UFO Experience: A Scientific Inquiry" (Ed. Corgi, 1972), as seis classificações conhecidas e: "NL" (Nocturnal Lights, "Luzes Noturnas"), "DD" (Daylight Discs, "Discos Diurnos", "RV" (Radar-Visual UFO Reports, "Relatórios de Radar-Visual de UFOs"), "CE1" (Close Encounters of the First Kind, "Encontros Imediatos de Primeiro Grau"), "CE2" (Close Encounters of the Second Kind, "Encontros Imediatos de Segundo



Imagem 2: Classificação de Hynek

Grau”) e “CE3” (Close Encounters of the Third Kind, (“Encontros Imediatos de Terceiro Grau”) em uma tentativa de classificar a diversidade das manifestações anormais. (Veja a imagem 2) Ao analisar encontramos que a interessante “Classificação de Hynek” tem como parâmetro principal o elemento de triagem a “distância do fenômeno com respeito ao testemunho” nas categorias correspondentes a “EC1”, “EC2”, “EC3”, assim como “a multiplicidade dos efeitos no entorno baixo com uma só finalidade”, aglutinando todo o universo fenomenológico com respeito à distância, os efeitos no ambiente, a forma de registro, e segrega fundamentalmente a fenomenológica inteira em duas essências específicas, “luzes” e “discos”, quando sabemos que existe uma miríade de luzes, e objetos não precisamente em forma de disco.

“No entanto, sérias complicações surgem quando se trata de usar as categorias de Hynek de Luzes noturnas, discos diurnos e casos radares-visuais, especialmente quando o processo trabalha com base de dados computadorizada... Somente se superpõe essas categorias (um ‘disco’ pode ser visto a luz do dia e também rastreado pelo radar, por exemplo), mas em muitos relatos não se pode colocar nenhuma destas classes: O que acontece se é possível ver um objeto de noite, mas não é luz? Ou quando um objeto visto a luz do dia não tem forma de disco? O que acontece com os relatórios de objetos vistos ao

entardecer ou ao amanhecer?” (Vallée, 2007) Considero um desacerto o agrupar ou combinar fenômenos de diversas morfologias, manifestação, baixo um mesmo subconjunto pelo fato de que se produz um espaço em comum, “o céu”, ou sua proximidade relativa. A distância e os efeitos dos fenômenos não podem oferecer nenhuma perspectiva clara por trás da entropia que se codifica nessa classificação, e se observa um preconceito no marco conceitual de sua concepção.

Essa multiplicidade fenomenológica provavelmente aponta origens díspares, mecânicas, evoluções, manifestações, pelo o que é necessário discrimina-los de acordo a suas singularidades, na minha humilde opinião o que se está assentando é uma quantidade de manifestações que talvez não tenham relação nenhuma, e somente algumas poucas compartilham elementos comuns. Para ilustrar esse ponto, suponhamos uma classificação de elementos conhecidos que atenda ao simples fato de “luzes” (observando que seja um fenômeno aéreo), ali estariam no conjunto hipotético: “cometas, raios, sprites, raios globulares, fogo de Santelmo, fata morgana, bolhas térmicas, arco-íris, nuvens iridescentes, bólidos, etc.”

Resulta de forma evidente a desordem e o caos gerado ao combinar fenômenos díspares entre si, pelo fato que é impossível obter uma resposta ao analisar essa massa heterogênea que no entanto, equivocadamente se

se homogeneíza, ainda bem que corre a classificação "objetos", demonstrando com elementos conhecidos (lembrando sempre que se manifeste ou presencie no céu): "aviões, drones, balões, aves, mamíferos voadores, insetos, paraquedas, jet packs, lixos voando arrastados pelo vento, etc.", alguns sustentariam que "aves, insetos, mamíferos voadores" não poderiam entrar nesse exemplo hipotético por se constituir em seres, no entanto "voam", "aparecem no céu", e a classificação discutida não discrimina, aglutina a todos, por que afinal são "aéreos", deste modo se obscurece a análise, portanto não ajuda muito com os parâmetros tais como a distância ou o efeito desse dois grandes grupos.

Investigando encontrei uma reflexão interessante do Dr. Hynek que traz luz ao que foi exposto, na revista "MUFON UFO JOURNAL", N° 202, Ano 1, Vol. 1 (1988): "Queria algo que fosse completamente dependente somente das circunstâncias de observação em si. Melhor, não pensava que essa classificação ganharia visibilidade, como aconteceu. Era apenas para meu próprio uso nas investigações.

Hynek aparentemente se inspirou nos trabalhos dos franceses, Aimé Michel, Dr. Pierre Guérin e do Dr. Jacques Vallée, que fizeram e descreveram um sistema de classificação constituído por "I GRAU" "II GRAU" "III GRAU" em um esboço para filtrar os consideráveis avistamentos, durante a grande onda francesa de 1954.

"Em 1972, sobre a base de trabalho que já tínhamos realizado juntos desde meados dos anos setenta, Hynek se baseou na minha classificação anterior quando propôs uma divisão de todos os relatórios em dois grupos: de curta distância, avistamentos que correspondiam ao meu "I grau" e que ele deu o nome de Encontros imediatos; e os objetos observados a uma "determinada distância" (Vallée, 2007).

Aquelas visões de objetos esféricos, discoidal ou de outro tipo que se encontram sobre o céu ou próximo a ele, resume ao arranjo denominado "I GRAU", podendo apresentar efeitos eletromagnéticos, marcas físicas, etc. O "II grau" amontoa relatórios de objetos cilíndricos, conhecidos com vários nomes tais

como, "grande cigarro vertical", "nuvens cigarros", "nuvens esfera-cigarro", referindo à evolução de um corpo fusiforme vertical na atmosfera, que se manifesta quase sempre na presença de alguma estranha nuvem difusa; apresentando duas seções, a do "II A" e a do "II B", com relação a primeira, aqueles cigarros voadores de manobras irregulares no céu, ao contrário aos do tipo "II B" que descrevem acontecimentos de objetos estacionários no céu acompanhados de outras anomalias.

Aqueles objetos ou fenômenos que possuam descontinuidade em sua trajetória, desacelerações íngremes, descenso à terra similar a uma folha, assim como a retomada de um ponto da trajetória exibida anteriormente, se enquadra dentro do "III GRAU".

Prosseguindo com a classificação antiga Michael-Guérin-Vallée, encontramos a do "IV GRAU" que reunia todos os OVNIS de um voo ininterrupto.

"Esta classificação serviu para seu propósito durante muitos anos. Nos permitiu descobrir momentos padrões específicos nos diversos tipos de comportamentos, em particular a "lei horária" para os relatos de aterissagens" (Vallée, 2007).

A lei horária foi um padrão descoberto por Jacques Vallée, buscando uma codificação estatisticamente atendendo a hora em que se produziam os casos de "I GRAU" (aterissagens), relevando um drástico aumento da casuística a partir das 17:00h, que chegava a um pico considerável entre às 20:00h e 22:00h, decaindo progressivamente até às 02:00h, momento em que se registrava um outro segundo pico estranho que se findava antes do amanhecer, desaparecendo quase completamente em eventos posteriores às 6:00h da manhã (Ver imagem 3 na próxima página).

Este modelo tem sido replicado por uma quantidade de estudiosos de diversas regiões do globo, reproduzindo em um grau maior ou menor os mesmos resultados (veja Imagem 4, Imagem 5 na próxima página) derivando a inevitável e conspícua conclusão da noturna natureza eminente dos OVNIs. No entanto, lamentavelmente existe uma quantidade formidável de relatórios que carecem dos dados "cruciais" como a hora, por isso é impossível lançar um veredito sobre este

Imagem 3

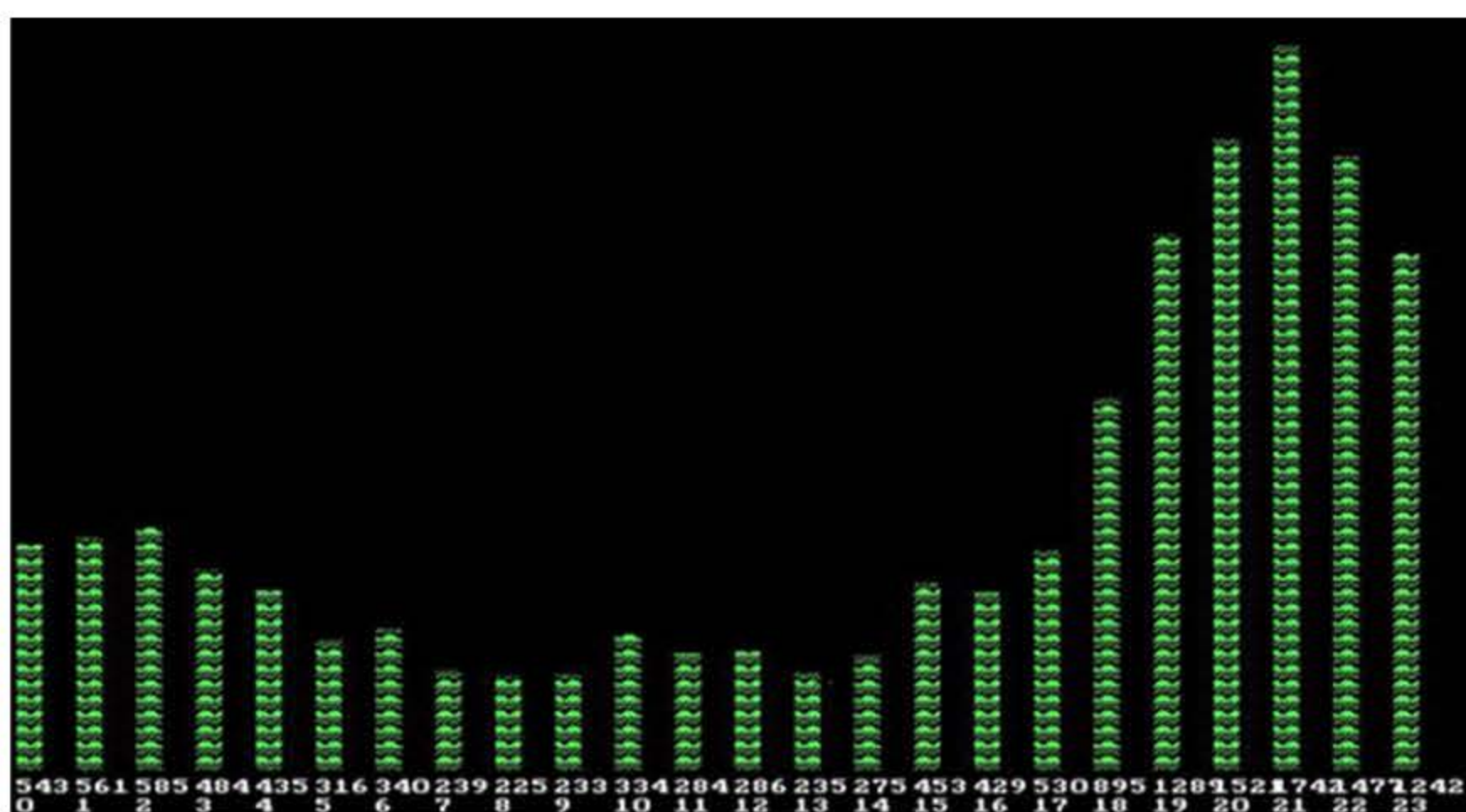
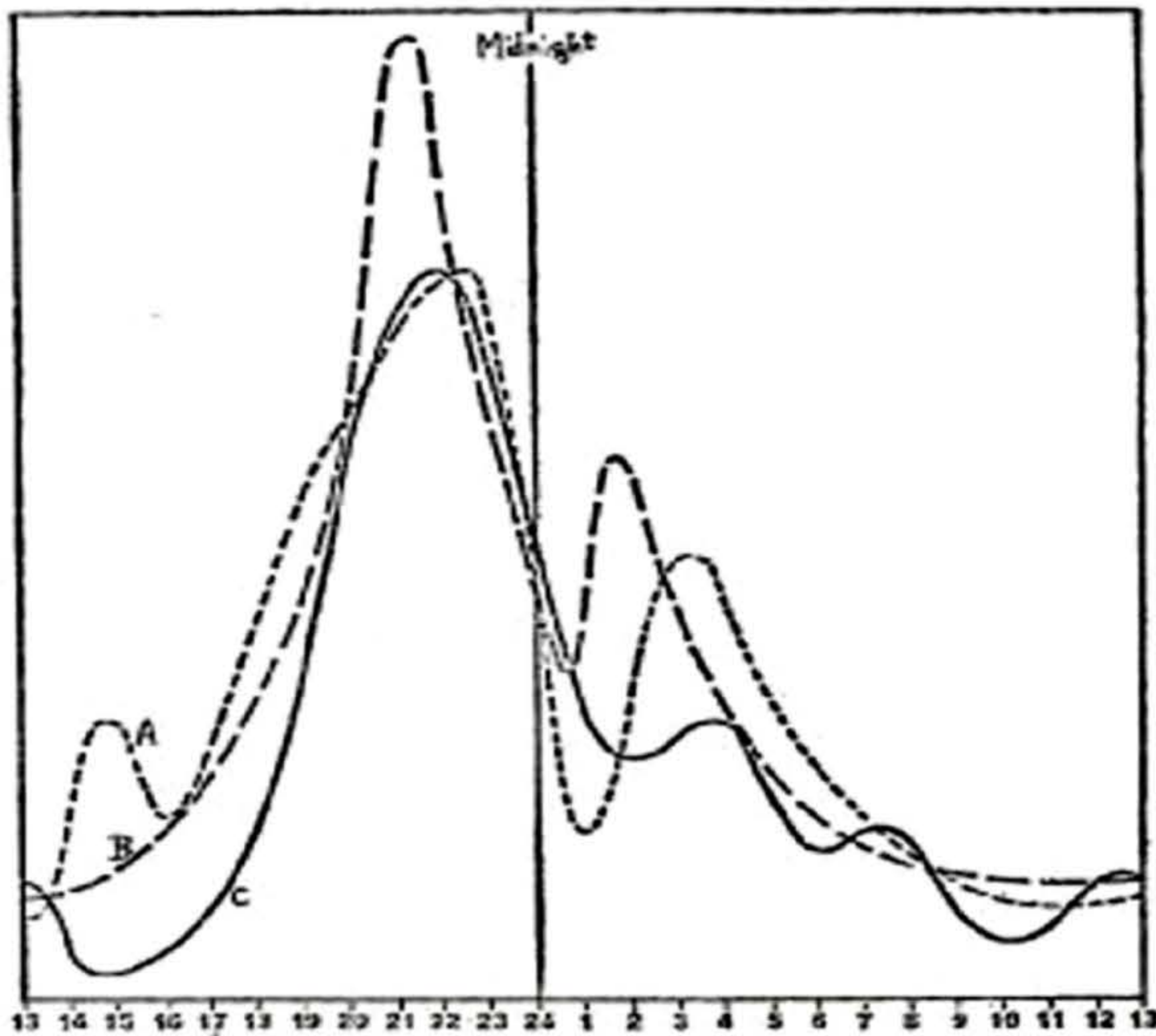


Imagem 4

Imagem 5

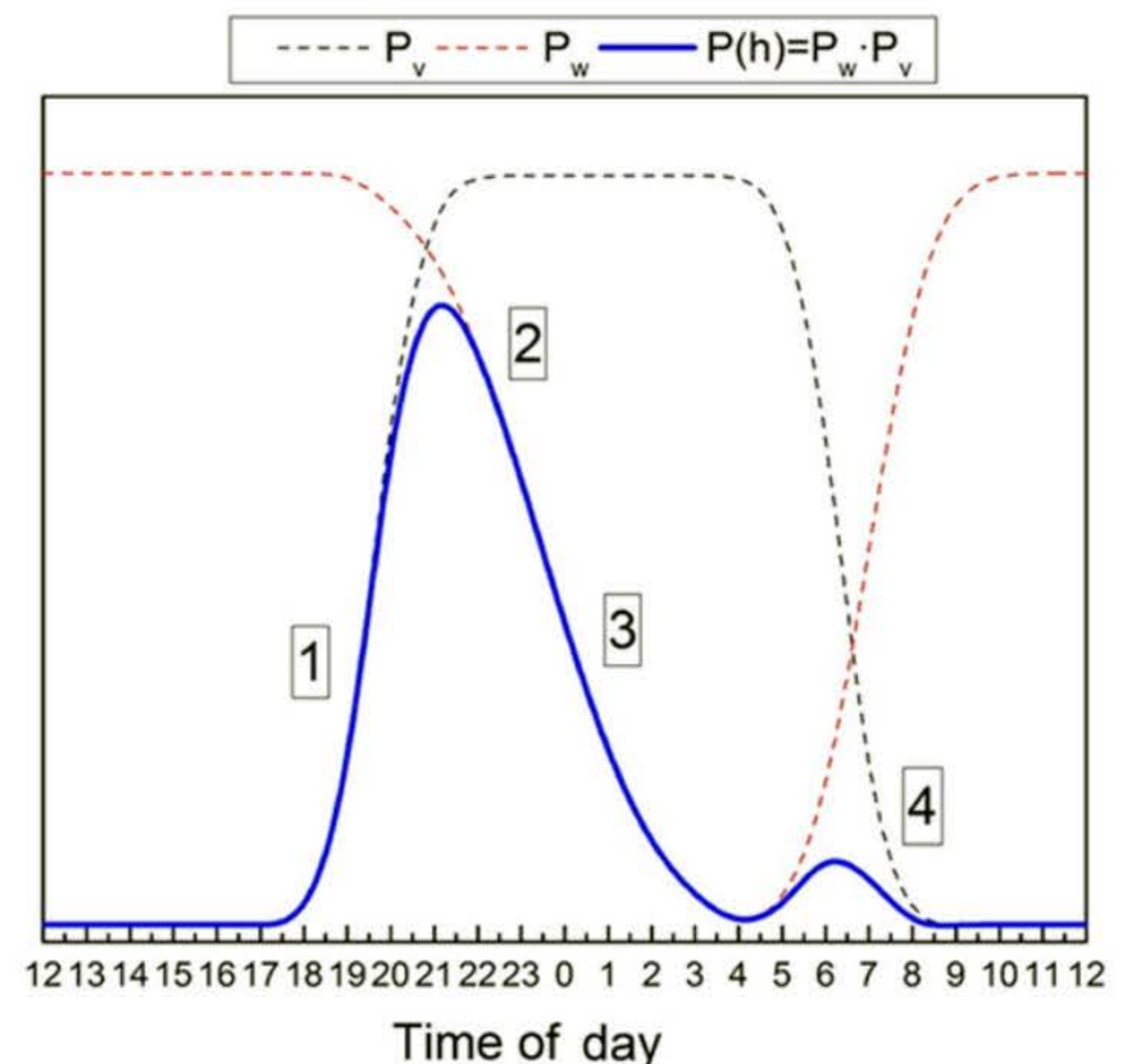
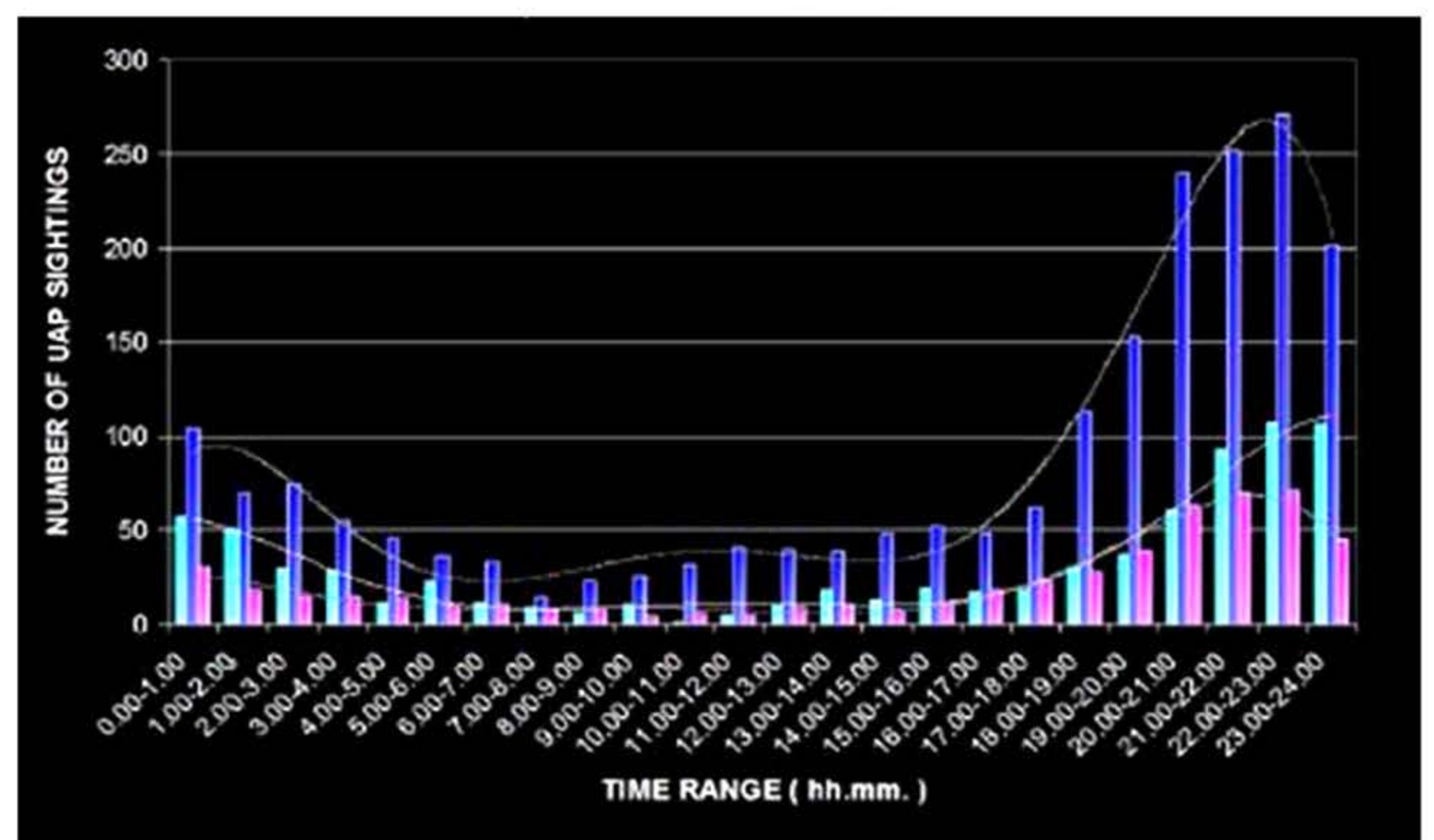


Imagem 6

Imagem 3 - Frequência de casos do I GRAU- em função a hora do dia

Imagem 4 - Intervalo de tempo dos avistamentos de UAP (Unidentified Aerial Phenomena, "fenômeno aéreo não identificado"), desenvolvido pelo grupo NARCAP (National Aviation Reporting Center on Anomalous Phenomena).

Imagem 5 - Distribuição horária de 18.552 casos, pertencentes a *U* UFO DATABASE, codificado por Larry Hatch.

Imagem 6 -

P_v = Probabilidade de visibilidade do fenômeno a olho nu

P_w = Probabilidade de observação do evento

ponto.

"Dos 10.811 relatórios considerados para esse estudo, os dados de tempo só se registram no catálogo 4.764 entradas, ou 44,1% do total. Devido ao desenvolvimento FOTOCAT ainda está em estudo, a informação de tempo está pendente se ser admitida na folha de cálculo para muitos casos. Estamos trabalhando para melhorar isso. Além disso, também existem casos em que o tempo não está indicado nas fontes ou simplesmente é desconhecido" (Ballester Olmos, 2013)

No entanto um modelo matemático exposto pelo investigador espanhol, Júlio Plaza Olmo em 2013, defende que os gráficos obtidos na denominada Lei horária, somente refletiram hábitos sociais e não uma genuína

propriedade fenomenológica.

Para ele basta ilustrar o seguinte ponto, consideremos a luminosa natureza coletiva dos OVNI's, sua visibilidade está diretamente relacionada com a magnitude de seu brilho para impressionar a retina dos olhos das testemunhas. As estrelas, por exemplo, não são identificáveis durante o dia, por causa da poderosa luz solar que as engole com sua magnitude (-27), não obstante as estrelas continuam no mesmo lugar, na abóboda celeste, com seu inexorável transitar (devido a rotação terrestre), mas são diferenciáveis quando ocorre o crepúsculo, quando a luz solar começa a declinar, revelando as sutis estrelas que ali se encontravam imersas, realidade que desperta uma plausível cavilação de que

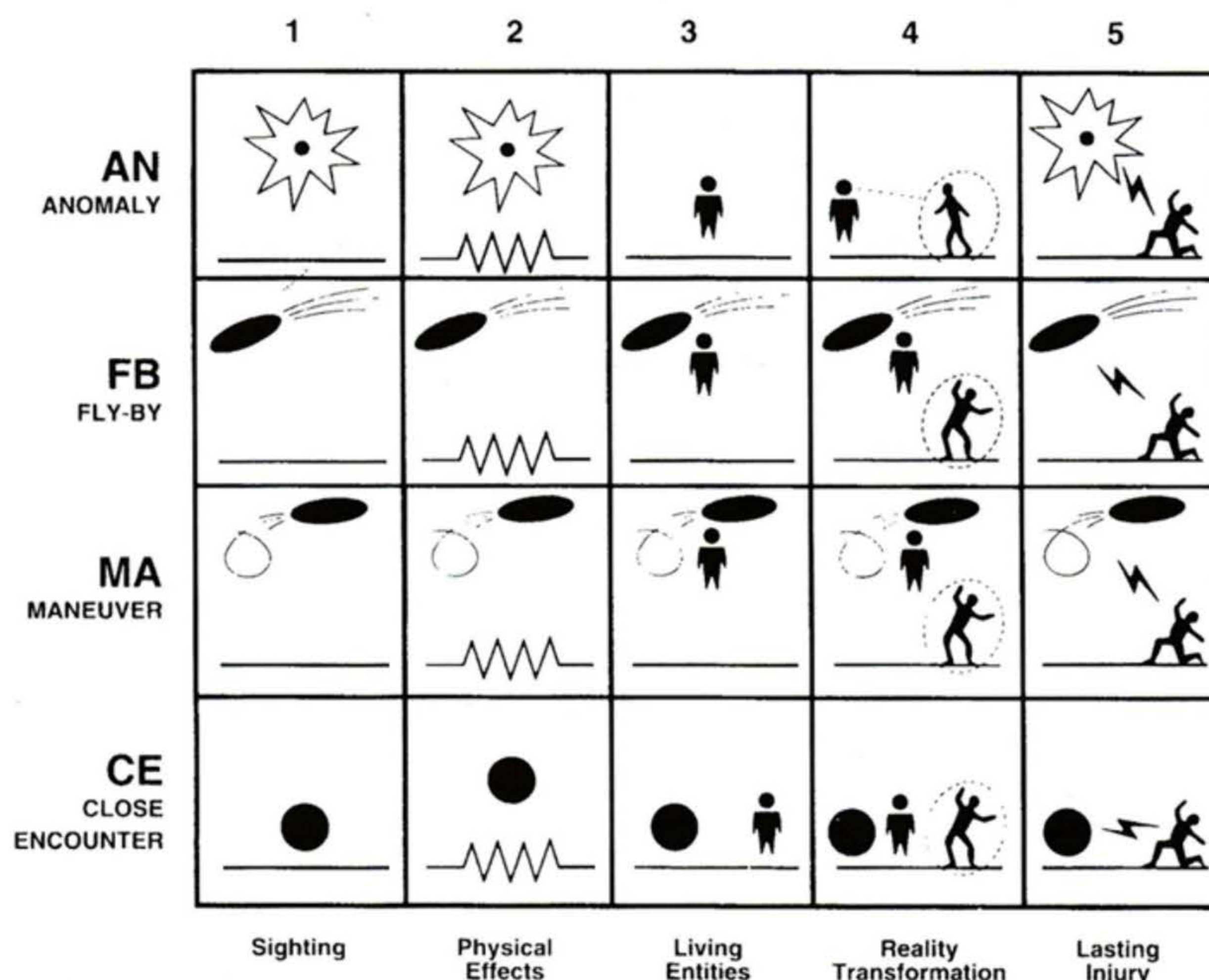


Imagem 7 - Classificação de Vallée

existiam fenômenos aéreos desconhecidos luminosos diurnos, que carecem de luminescência necessária para despontar e descobri-los, aumentando a complexidade do assunto.

Por sua vez, outro fator decisivo repousa na probabilidade de que exista alguém para observar o fenômeno dito, e isso varia de acordo com os costumes de uma determinada população.

Plaza del Olmo, considerou ambas variáveis para sua hipótese, levando em consideração o "fator visibilidade" como (Pv), deduzindo que a probabilidade máxima de vislumbrar um fenômeno luminoso no céu se daria à noite, sendo mínima de dia (pela razão dita anteriormente), em quanto a "probabilidade de observação do evento" (Pw), se circunscreve ao fato lógico de que a população se encontra desperta, portanto a máxima possibilidade disso se daria durante o transcurso do dia, e diminuiria durante uma fração significativa pela noite, reproduzindo o pico máximo compreendido entre 21:00h as 22:00h, posterior a essa faixa de horário, as pessoas tendem a descansar (Veja imagem 6 na página anterior).

Existem muitas variáveis ainda não consideráveis, no entanto, o planejamento está servido e com ele se perde uma certa força a

hipótese "Lei horária" ao elaborar um gráfico com a disponibilidade de observações e a circunstância de luz no ambiente, no entanto, até a data de hoje, não explica "o segundo pico" que nos mostra as estatísticas anteriores.

"O principal defeito nos sistemas de classificação anteriores é que têm como base o observador, que é arbitrário e muda constantemente, mais do que o comportamento informado do fenômeno, do qual é possível extrair conclusões importantes em termos de padrões" (Vallée, 2007)

Motivado por esta conclusão, o Dr. Vallée expôs no seu livro "Confrontations - A Scientist's Search for Alien Contact" (Ed. Ballantine Books, 1990) – "Confrontos – A Pesquisa e o Alerta de um Cientista Sobre Contatos Alienígenas" (Editora Best Seller, 1990) em anexo, "Um novo Sistema de Classificação: anomalias, Encontros Imediatos, manobras e voos", que constavam quatro tipos de observações, "NA", "SO", "MA", "EC", segmentando cada uma destas em quatro tipos possíveis (Veja imagem 7).

O sistema de classificação de Vallée nos transporta para uma matriz que se posiciona em um determinado caso atendendo as filas que compreendem grupos, e as colunas que representam as subdivisões:

Anomalia

AN1: Anomalias sem efeitos permanentes (tais como luzes ou explosões inexplicáveis).

AN2: Anomalias com efeitos físicos (materialização de objetos, áreas de grama amassada).

AN3: Anomalias com entidades associadas (os seres, fantasmas, espíritos e seres criptozoológicos).

AN4: Anomalias com interação com entidades associadas (telepatia, milagres, visões).

AN5: Anomalias com danos anormais (combustão, lesão).

Sobrevo

SO1: Avistamento de OVNI no céu estático ou ao longo de uma linha reta.

SO2: como SO1, mas com testes físicos (como materialização e círculos no grão).

SO3: Avistamento de um OVNI com entidades vivas dentro.

SO4: Avistamento de um OVNI com transformação da realidade (telepatia, milagres, visões).

SO5: Avistamento de OVNI que causa danos anormais (combustão, lesão).

Manobra

MA1: Avistamento de OVNI no céu com uma trajetória descontínua ou errática.

MA2: como MA1, mas com testes físicos (materialização de objetos, áreas de grama amassada).

MA3: Avistamento de um OVNI manobrando com entidades vivas dentro.

MA4: Avistamento de um OVNI manobrando com transformação da realidade (telepatia, sinais, visões).

MA5: Avistamento OVNI em manobra que provoca danos anormais (combustões, lesão).

Encontro Imediato

CE1: O contato próximo com um OVNI sem nenhuma consequência para a testemunha.

CE2: Como CE1 mas deixa traços tangíveis na terra ou ferindo testemunhas;

CE3: O contato próximo com um OVNI observado próximo as entidades vivas.

CE4: Sequestro de testemunhas após o contato próximo com um OVNI.

CE5: Como CE4 mas com danos permanentes ou morte da testemunha.

É patente a marca conceitual de Hynek no sistema de Vallée, distinguindo um refinamento do pretérito sistema de classificação que desenvolveu conjuntamente com Guérin e Michel.

O sistema inspecionado cuidadosamente, introduz o "Conceito de anomalia" um termo que resulta análogo ao designar "OVNI", enquadrando a mesma incerteza, agrupando a heterogeneidade como um *corpus* ajustado a um efeito comum, seja este a interação com o ambiente ou sequelas na testemunha (físicas ou psíquicas)

Uma distinção do sistema se choca na acrescentação de "entidades", preenchendo esse vazio preliminar do trabalho de Hynek, se desprendendo de três naturezas primordiais no marco mãe conceitual, "OVNIs", "anomalias" e "entidades".

Contudo, uma sorte de pleonismo se divide nos conceitos de "OVNIs" como "anomalias" resultando este dueto "estranhezas", "peculiaridades" suígeneres dentro do paradigma científico pretérito e atual.

Resumindo os respectivos refinamentos (Hynek & Vallée), obtemos os seguintes esquemas. (Veja a imagem 8 na página ao lado)

A Neguentropia ufológica

Entendendo que o caos se encontra presente aumentando progressivamente, quero remeter um conceito denominado "neguentropia" ou "entropia negativa", que é um sistema capaz de se organizar a partir do caos, que a informação é capaz de se auto-regular, diminuindo consideravelmente a quantidade de entropia que possui, para desta forma substituir e levar a um resultado satisfatório. Está ideia se forma presente na "teoria geral de sistemas", a "física", a "biologia" e consequentemente na mesma "teoria da organização".

Considero que essa tal essência é aplicável na ufologia, ao se enquadrar perfeitamente na problemática fenomenológica, atendendo a natureza ufológica, de que nos diz respeito, decidi denomina-la "neguentropia ufológica".

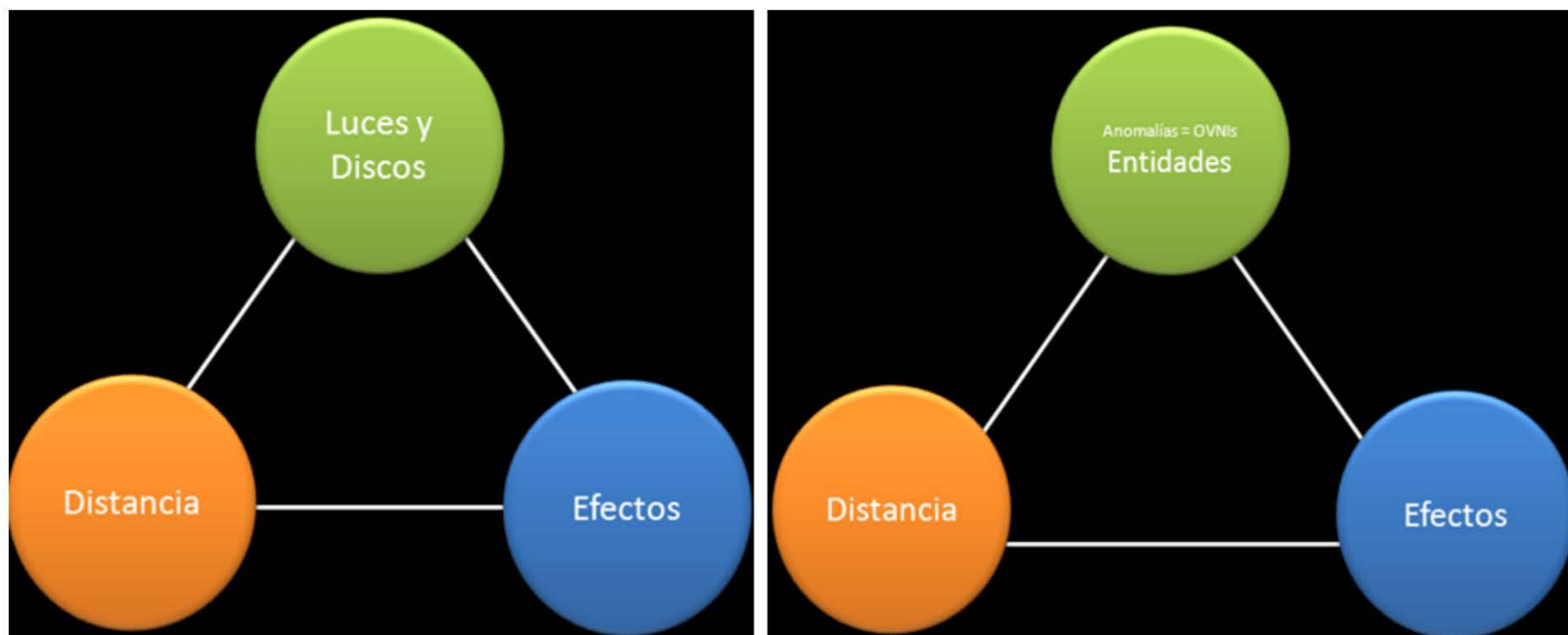


Imagem 8
Elementos conceituais em grandes sistemas. (Esq.) Hynek. (Dir.) Vallée.

Depois de uma larga reflexão tentando esboçar o panorama macro-fenomenológico, resolvi representar com o seguinte gráfico, que se baseia na “teoria de conjuntos”, recorrendo ao “Diagrama de Venn”. (Veja a imagem 9 na próxima página)

Ao analisar cuidadosamente descobrimos que basicamente toda a fenomenologia se manifesta essencialmente no trio “luzes”, “objetos” e “entidades” (ou seres), razão da diagramação e tal como acontece na casuística, onde encontramos relatos de somente luzes, somente objetos ou entidades, também existem objetos com luzes, objetos com entidades, luzes e presença de entidades, assim como a conjuntura de todas as anteriores, isto é claramente observado no diagrama, nas interseções, ao possuir elementos em comum, mas não por interpretar que todos os seus elementos são iguais, englobando dentro de um único conjunto (prática que se realiza até o dia de hoje).

Por tanto se desprende o raciocínio mostrado nas imagens da página 24 (veja na próxima páginas as imagens e entenda o raciocínio).

Por sua vez cada conjunto estaria composto pelas seguintes coleções de elementos:
 OBJETO = {Objeto1, Objeto2, Objeto3, Objeto4, Objeto5, ...}

LUZ = {Luz1, Luz2, Luz3, Luz4, Luz5, ...}

ENTIDADE = {Entidade1, Entidade2, Entidade3, Entidade4, Entidade5, ...}

E cada unidade da correção, possuirá um determinado número de atributos ou parâmetros. (Veja imagem 17 na página 25)

Uma fração considerável destas unidades provavelmente apresentará dados ou semelhantes atributos, que revestem um alto interesse para a análise e um modelo posterior. É importante apontar que necessariamente se registram em virtude das características morfológicas do fenômeno, além do aparentemente subjetivo que se pode resultar, por ser um fenômeno físico devemos respeitar sua forma, não existe outra via. (Veja a imagem 18 na página 25).

Devido à enorme massa de informação que se trabalhará, considero necessário o uso de “Mineira de dados”, isso é, “O processo de descobrir conhecimento interessante de grandes quantidades de dados armazenados em base de dados, data warehouses ou outro repositório de informação” (Jiawei Han, Micheline Kammer, 2001), ante a complexidade relacional dos dados e o número deste, pelo pique fazem virtualmente impossível por meios tradicionais.

Se bem que na famosa organização civil norte-americana, a MUFON utiliza mineração de dados, como se deduz na declaração de seu maior presidente: “Não temos feito um grande trabalho na área de investigação na que agora estamos focando nossos esforços.

Temos um novo Diretor de Investigação, Robert Powell e o Subdiretor de Investigação, Ron

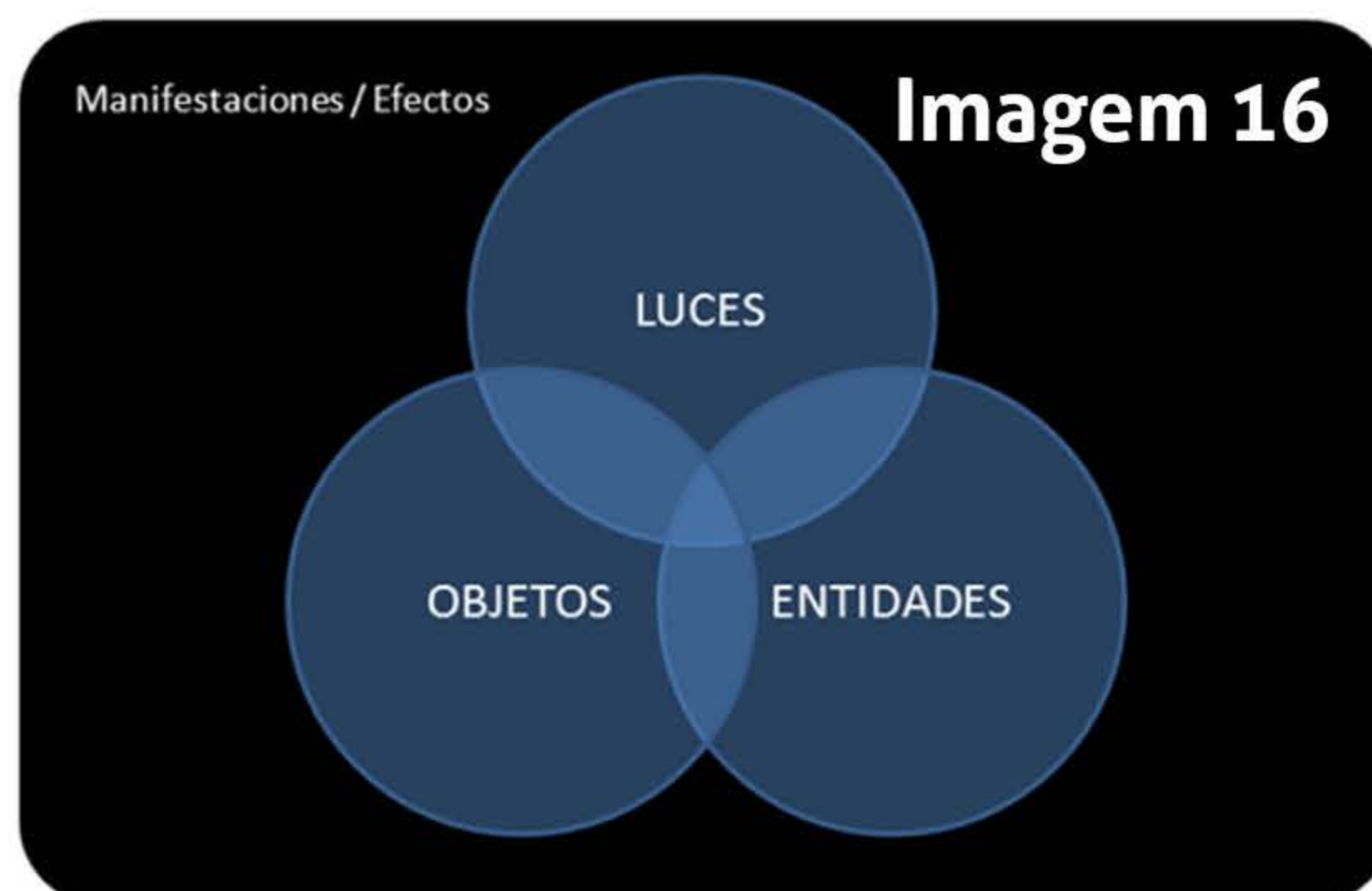
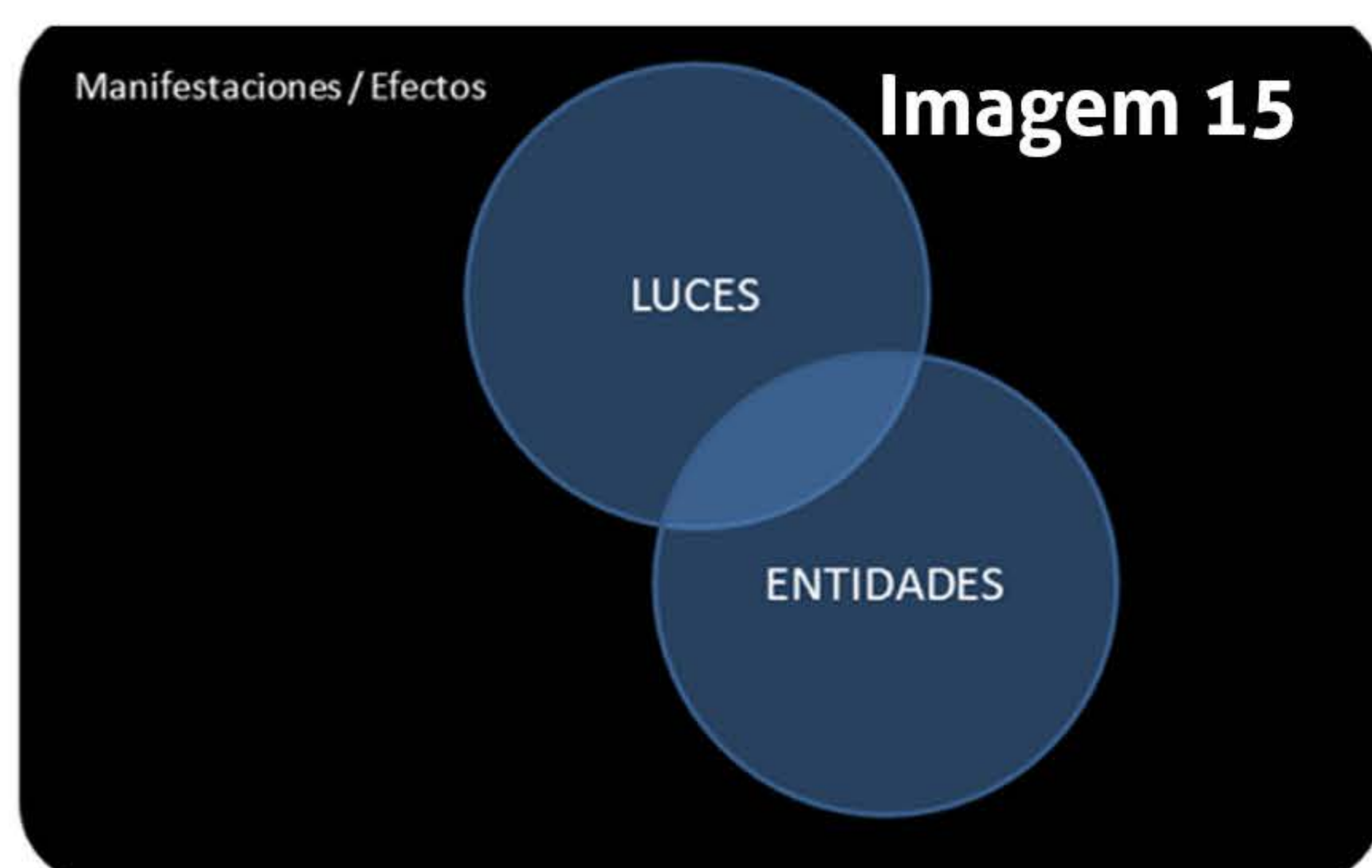
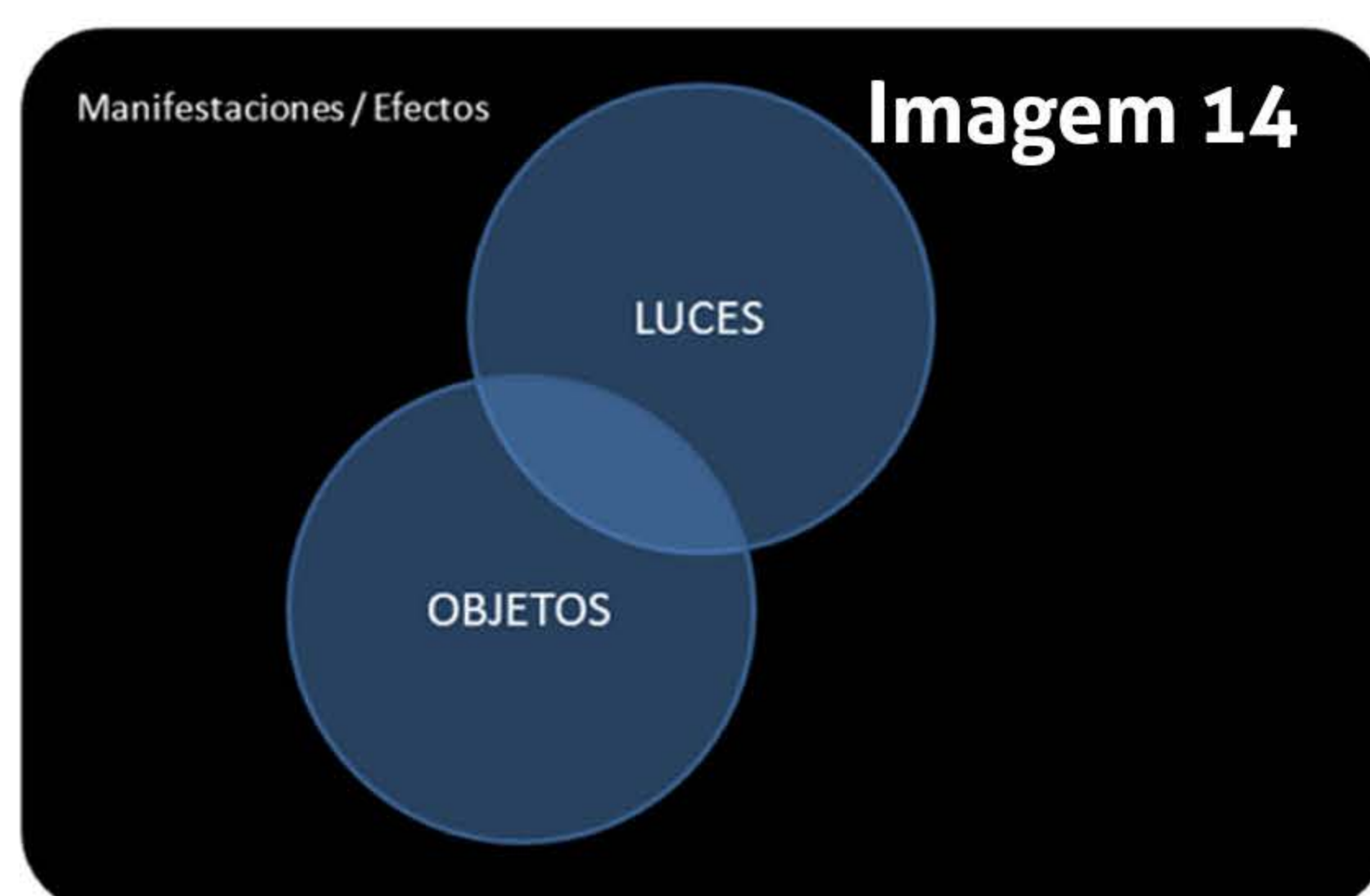
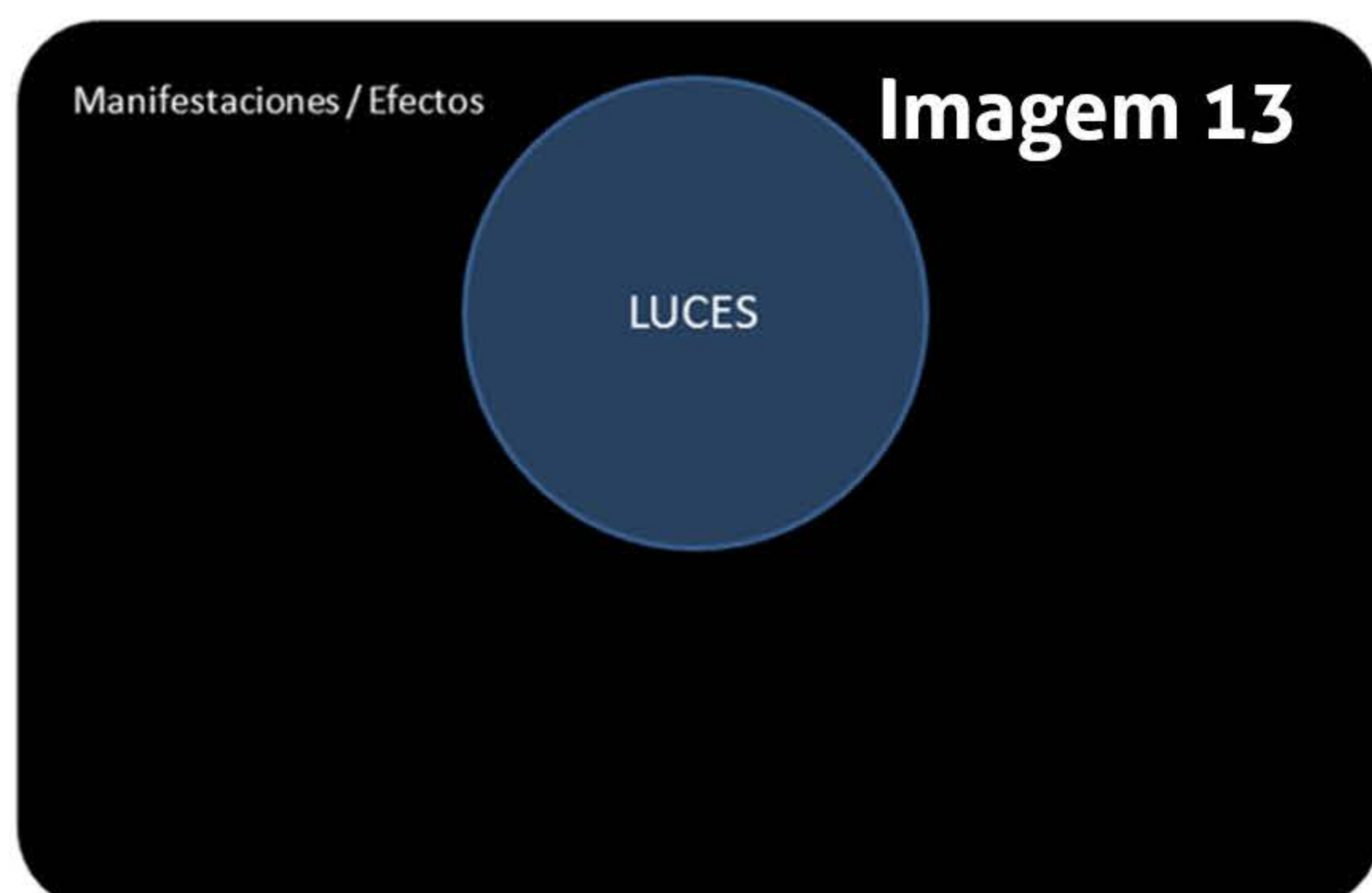
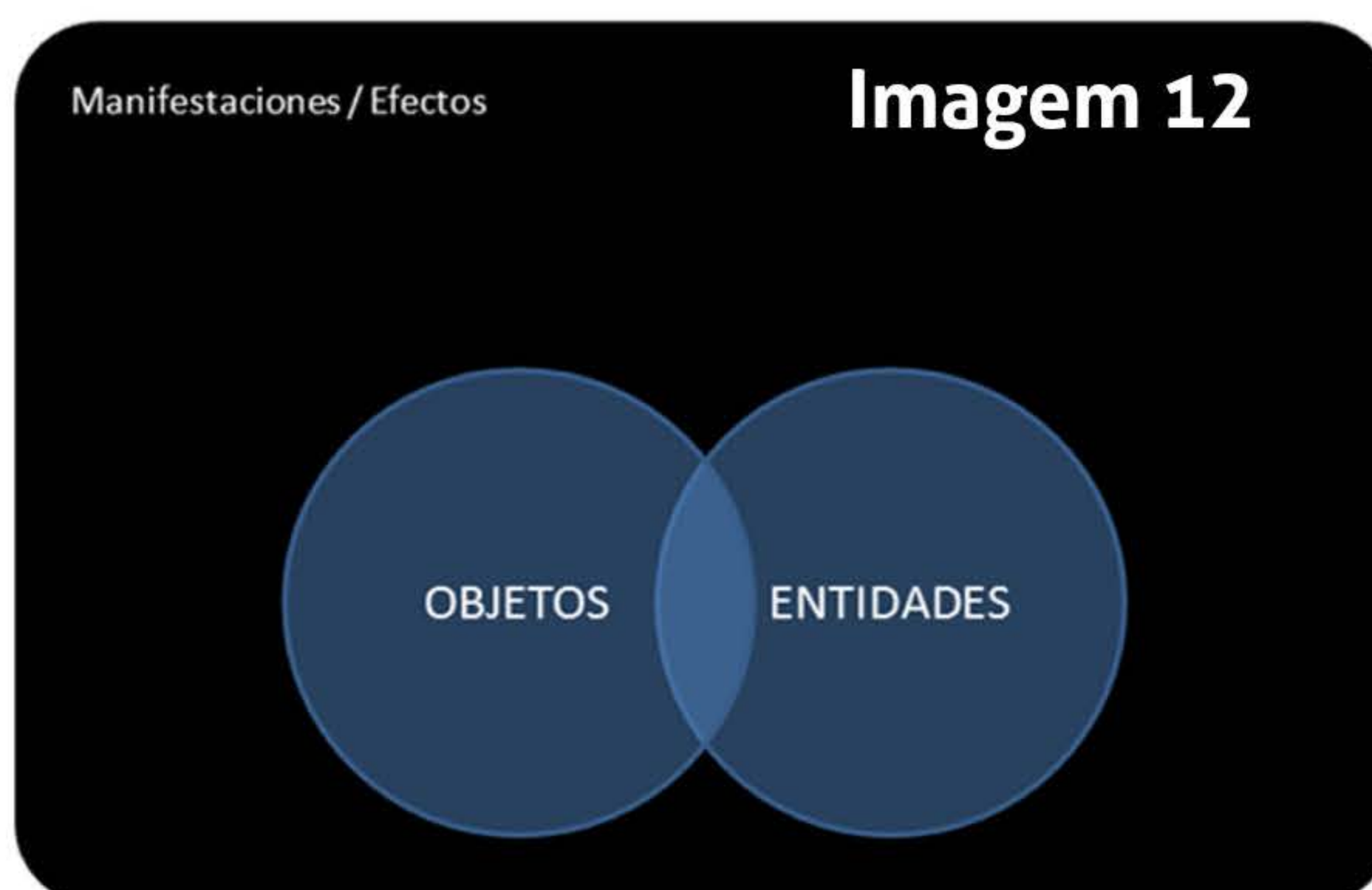
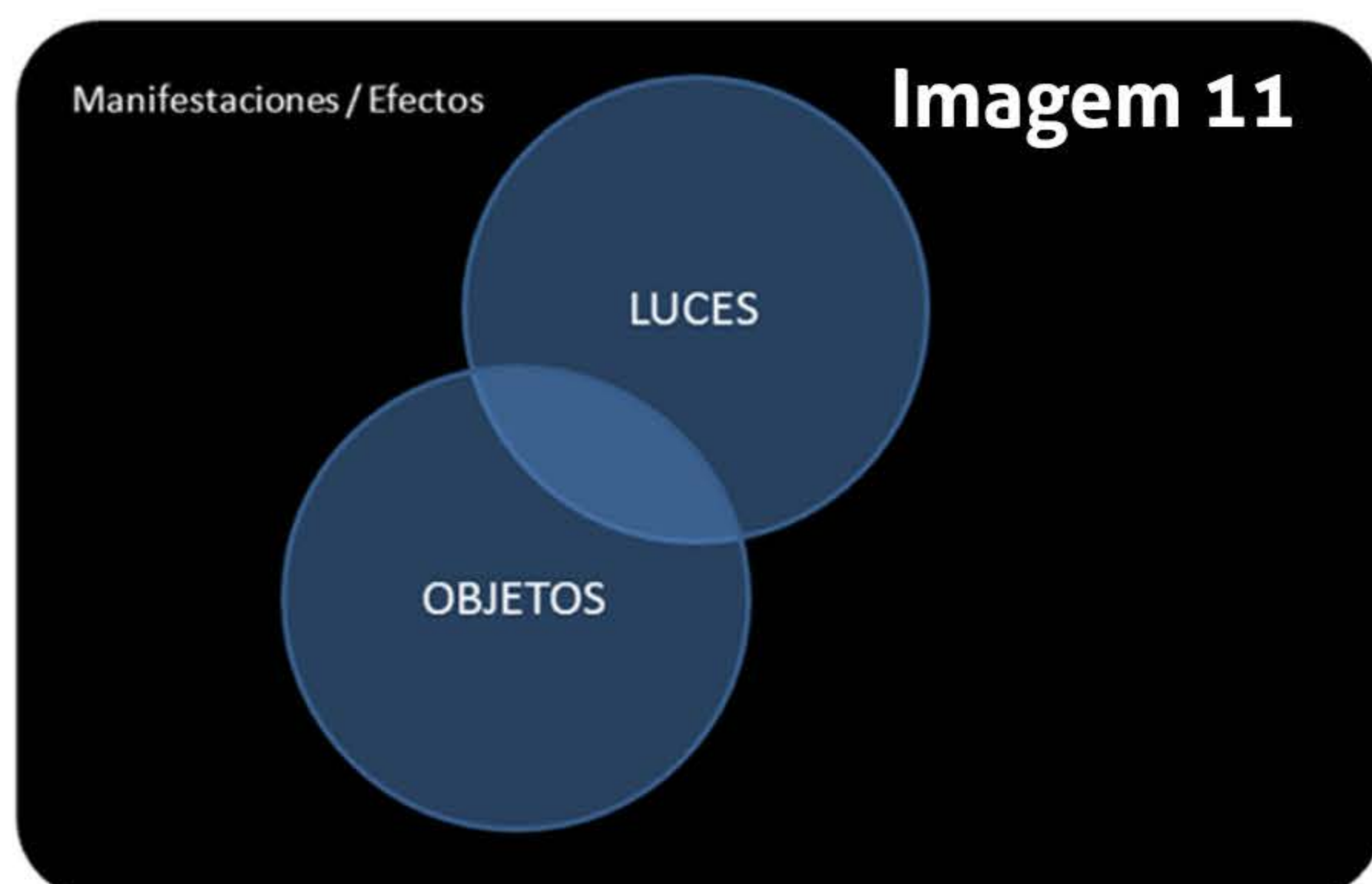
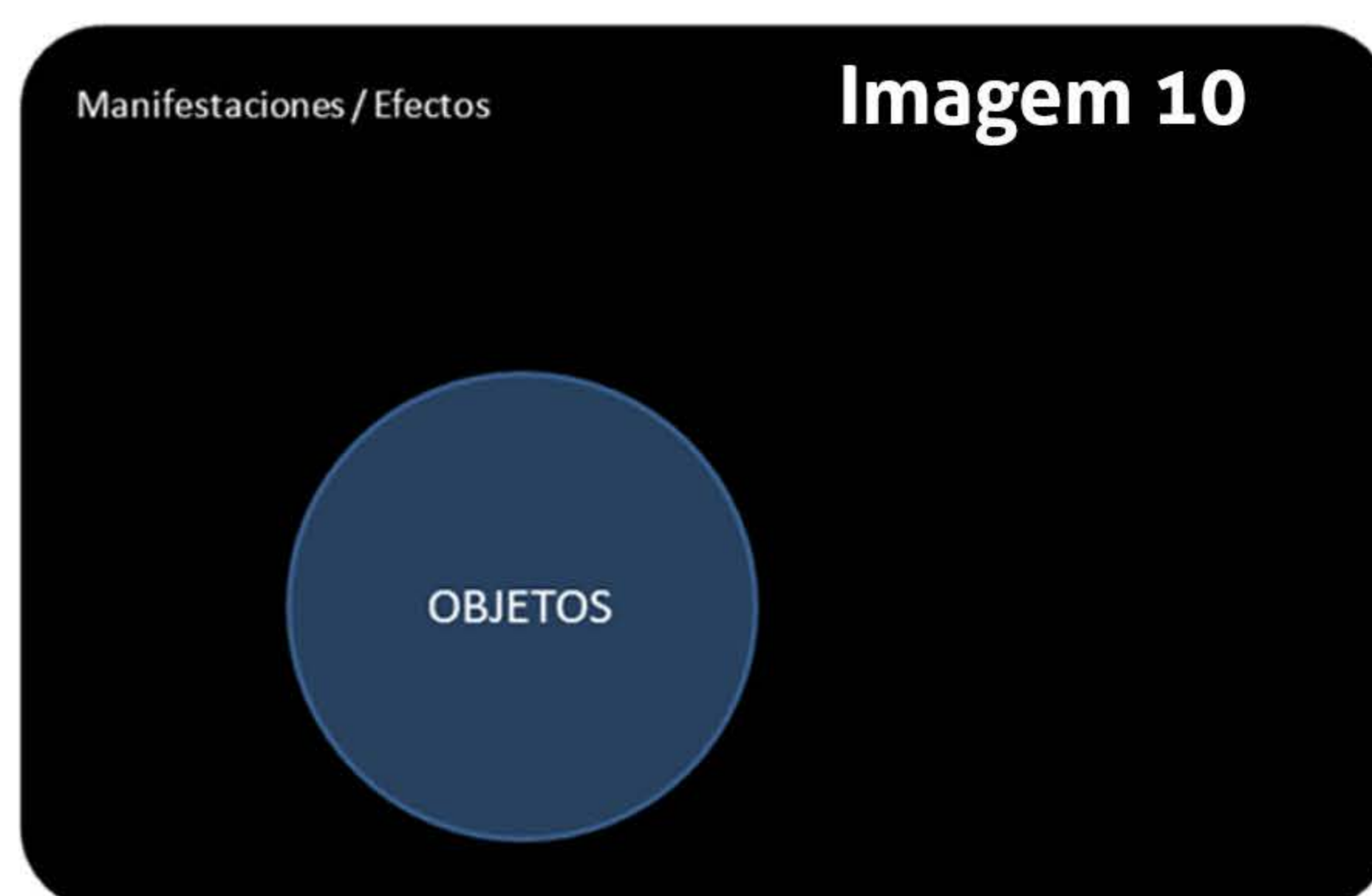
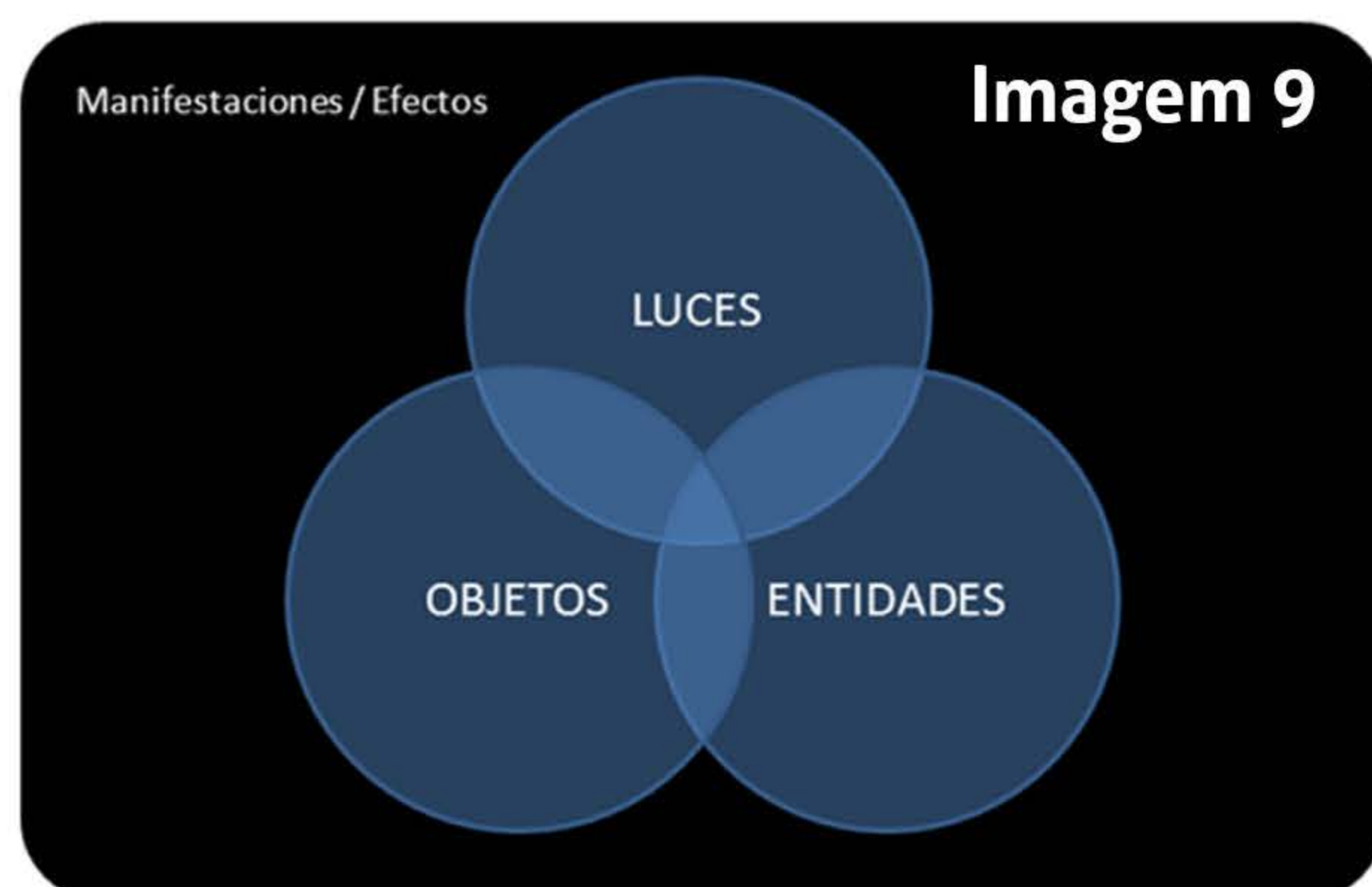


Imagem 9 - Se vislumbra três vastos conjuntos primordiais aos que designo como "luzes", "objetos" e "entidades que existem dentro do universo que os contém, nominado "manifestações/efeitos".

Imagem 10 - OBJETOS - Somente corpos sem luz

Imagem 11 - $OBJETOS \wedge LUCES$ - Corpos com luzes

Imagem 12 - $OBJETOS \wedge ENTIDADES$ – Objetos com visualização de entidades

Imagem 13 - LUCES - Somente luzes

Imagem 14 - $LUCES \wedge OBJETOS$ – Objetos com luzes

Imagem 15 - $LUCES \wedge ENTIDADES$ – Presença de luzes com entidades

Imagem 16 - $OBJETOS \wedge LUCES \wedge ENTIDADES$ – Casos que envolvem objetos com luzes e entidades

Imagem 17

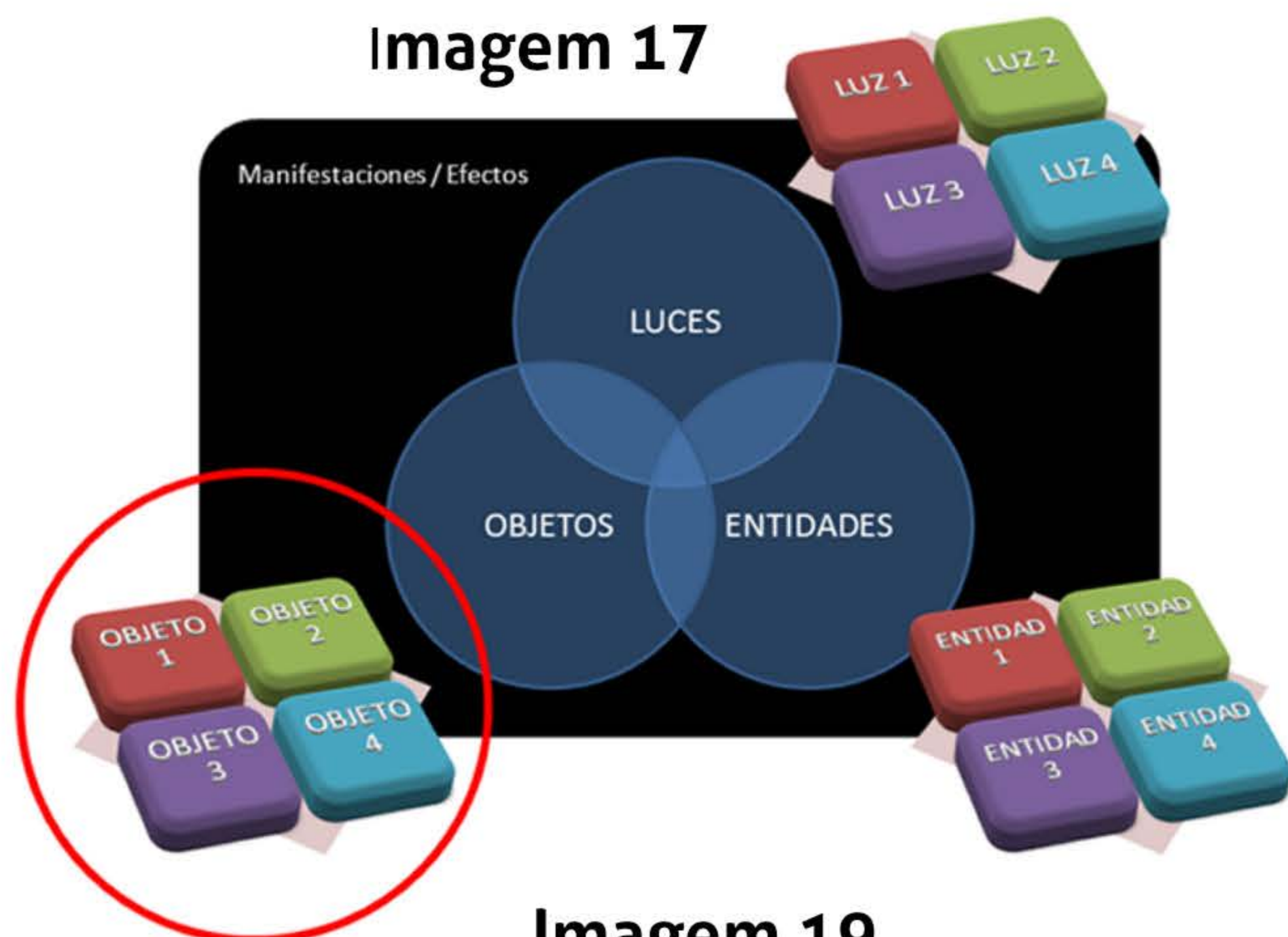


Imagem 19

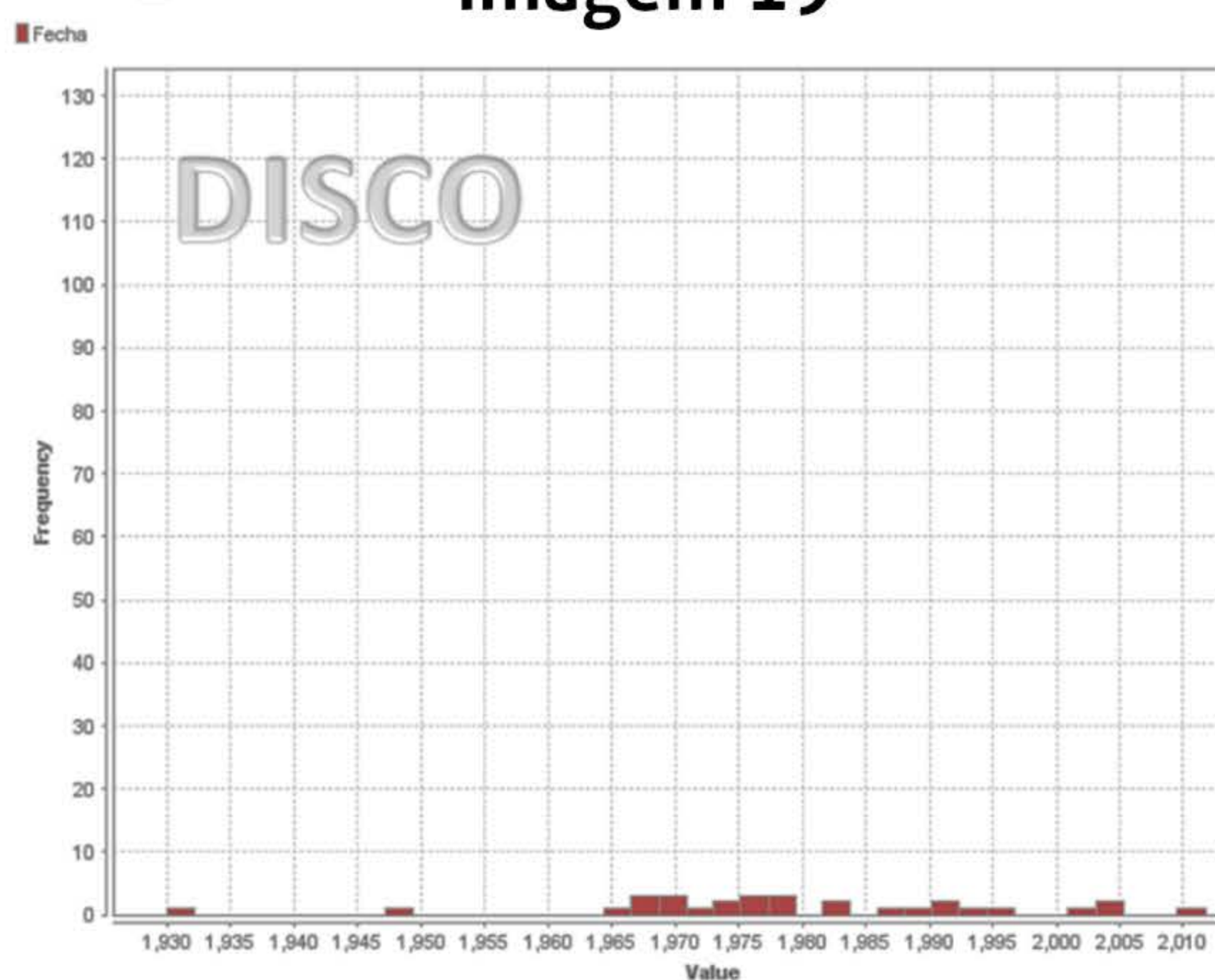
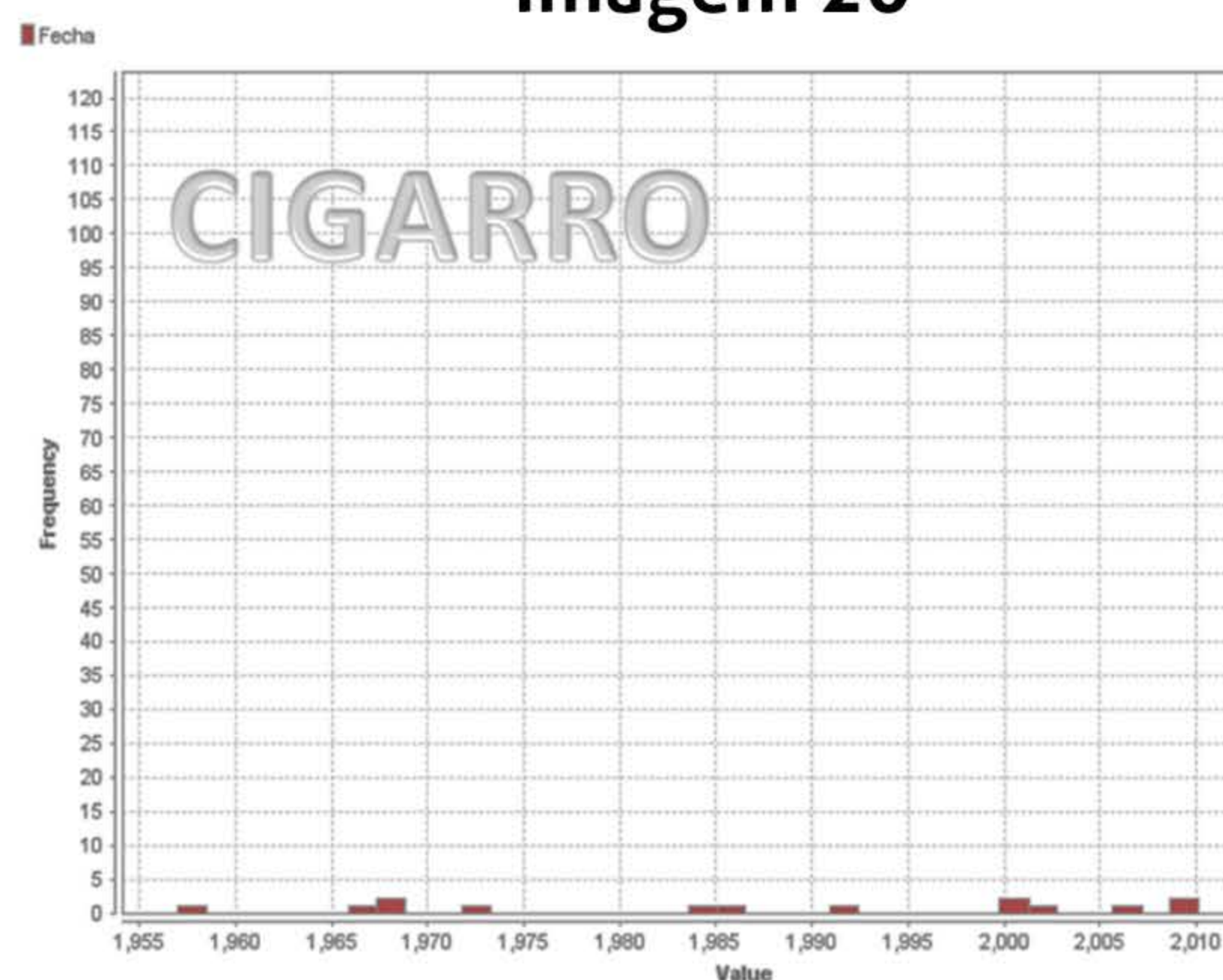


Imagem 18



Imagem 20



Regehr, que estarão como cabeça de uma equipe de cientistas na realização de análises em profundidade e a mineração de dados que temos recopilados". (James Carrion, 2007), prosseguem com os modelos de Hynek e Vallée no rastreo dos dados.

O interessante da mineração de dados é o que produz uma modelagem na busca de padrões e apartar dele, se constrói conhecimento, pela ordem deste mediante algoritmo de inteligência artificial, à mercê disto a "neguentropia ufológica" possui uma aplicação ostensiva, empírica, real.

O algoritmo do data mining (mineração de dados), se baseia em análises modulares, baixo caracterização, associação, classificação, análise de grupos, evolução, atendendo aos desvios que se poderiam apresentar, e em última instância, predições.

Para comprovar que estamos diante de diversos "objetos" dispus da base de dados do NUFORC (abreviação de 'National UFO Reporting Center' (Centro Nacional de Informações sobre OVNI), com umas 3437

entradas, a um escrutínio provisório, mediante a um software livre, multiplataforma, de data mining, o "RapidMiner" (desenvolvido pelo departamento de inteligência virtual da Universidade de Dortmund em 2001), para uma exploração de todos os anos compreendidos desde 1901 a 2016 que envolveriam somente "discos". (Veja a Imagem 19)

Da mesma forma aplica-se a mesma lógica do tipo "cigarro". (Veja a imagem 20).

Ao retirar todos os anos em que fenômenos se manifestaram segundo suas diversas morfologias (Cone, ovoide, lágrima, disco, triangular, quadrado, boomerang, oval, luzes, etc), se obtém o interessante gráfico com "ocos" nas comparações entre cada um deles. (Veja a imagem 21 na próxima página)

Vale esclarecer que a construção da base de dados não é de minha autoria, por isso é de se esperar que se encontre dados não depurados que tendem a deformar os resultados, parâmetros vazios, insuficientes, sem mencionar que não se ajusta ao método de

Imagem 21

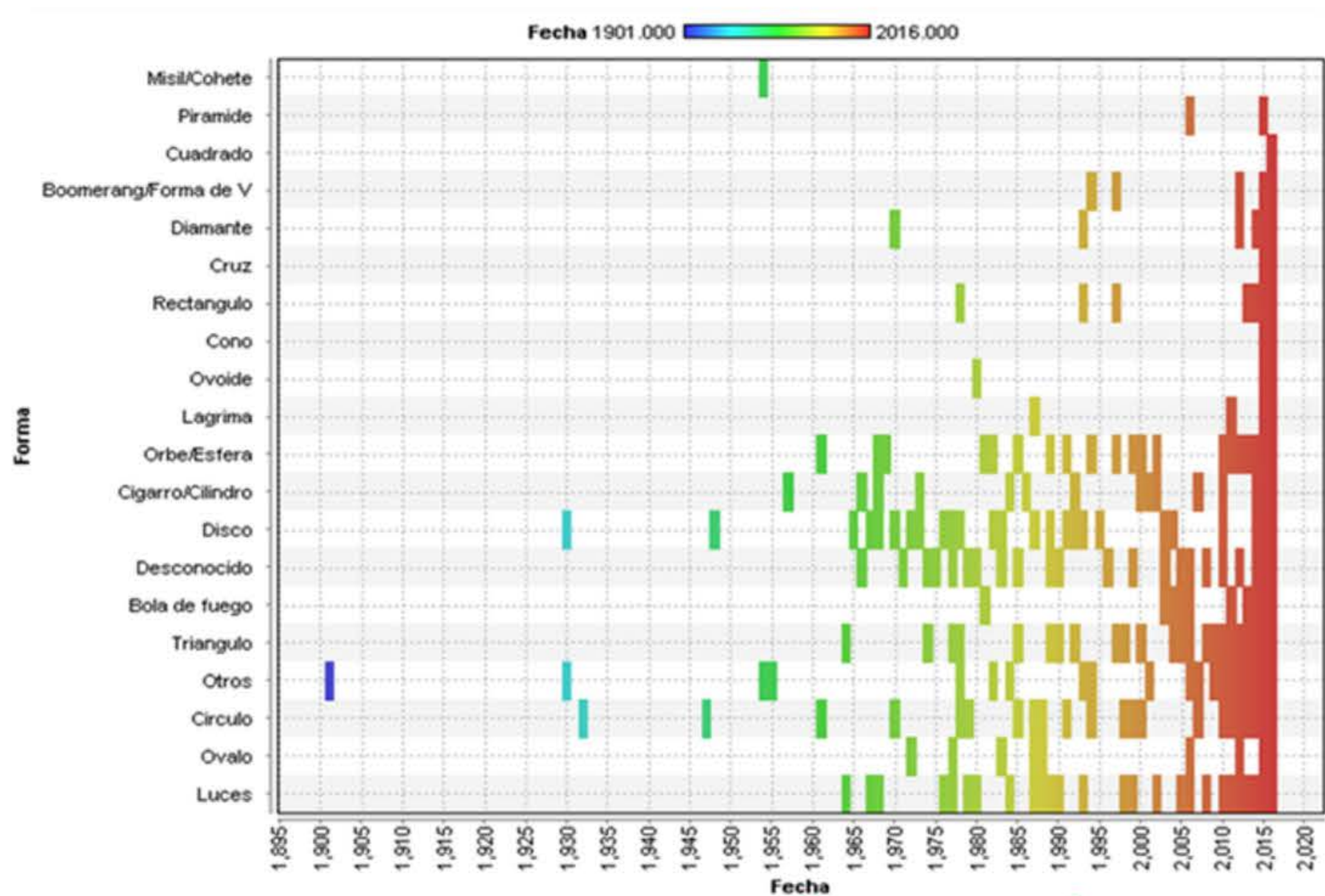


Imagem 22

Row No.	word	in documents	total
1952	explan	1	1
1953	explanation	1	4
1954	explanations	1	2
1955	explod	1	8
1956	exploding	1	2
1957	explosion	1	5
1958	exponentially	1	1
1959	exposur	1	1
1960	express	1	1
1961	expresway	1	1
1962	ext	1	1
1963	extemely	1	1
1964	extend	1	6
1965	extending	1	1
1966	extensions	1	1
1967	extinguishing	1	2

Row No.	word	in documents	total
599	bizarrr	1	4
600	biklyn	1	1
601	biklynn	1	1
602	black	1	145
603	blackout	1	2
604	blad	1	1
605	blain	1	1
606	blanchard	1	1
607	blank	1	1
608	blast	1	1
609	blasts	1	4
610	blend	1	2
611	blending	1	1
612	bleu	1	2
613	blewitt	1	1
614	blimp	1	6
615	blind	1	1

Obs: Amplie ao máximo para ler com nitidez as imagens

refinamento que se justifica. É possível o escrutínio das características que apresentam cada uma das entradas, ao vetorizar as palavras, usando um algoritmo denominado “Snowball”, que consiste em agrupar as palavras com o mesmo significado tendo como base sua raiz. (Veja a imagem 22)

Posteriormente será possível conceber módulos que explorem essas relações, atendendo ao ranking, mediante a algoritmos genéticos e etc.

Observações

- Ausência de uma verdadeira e única base de dados mundial.
- Estas bases de dados se encontram totalmente dispersas.
- Um incomensurável corpus data ainda repousa nos papéis, e nunca foi codificado.
- Existe uma alta entropia no assento de informação e valores a se considerar nestas criações.
- As grandes bases de dados não estão disponíveis nem ao público, nem a comunidade de investigadores.
- Multidões de registros de grande valor ficaram obsoletos devido ao suporte tecnológico que foi concebido na época. É necessária uma migração urgente.
- É de extrema importância uma comparação entre todas as DB (Date Base) existentes com a finalidade de eliminar redundância nestes dados, isso é possível mediante algoritmos que realizem “comparações”.
- Uma base de dados unificada pode ser criada

- a partir da mesma desde a recolha de entradas de diversas fontes, atendendo e escrevendo segundo o standard proposto.
- A certeza absoluta nos casos é uma utopia, porém isso não constitui em um impedimento para acumula-lo no registro.
 - A grande porcentagem das bases de dados acerca os seguintes detalhes: Data-Lugar-OVNI-Descrição. Não servindo para submeter a uma análise de dados, fugindo do simples índice de consulta.
 - Aparecem incompletas as entradas nos registros ao não preencher todos os detalhes requeridos.
 - É necessário uma extensão dos parâmetros que atenda o seguinte: latitude/ longitude, manobra de voo, cor, manifestação da cor (contínua, intermitente, gradual), índice de visibilidade atmosférica, minério da região, ambiente aquático (sim/não) e tipo, distância da fonte de água, altitude, declinação magnética, temperatura, vento, pressão atmosférica, valor na “escala de bortle” (nível de brilho do céu noturno), cálculo de anomalia gravitacional, trânsito de asteroides ou cometas, ruídos (sim/não) e descrição, etc.

Conclusão

Primeiramente o delineamento de um marco padrão para os parâmetros para se ter em conta é baseado no sistema de refinamento proposto, segundo, a criação de uma base de dados aberta com a possibilidade de colaboração, terceiro, a migração necessária e integração de todas as bases de dados existentes, assim como

a carga de informações que contém nas publicações, livros, etc, quarto, ao fim do projeto se realmente existem ciclos para determinados fenômenos através de certas circunstâncias (segundo os modelos testados), seria viável uma predição e por conseguinte uma série de réplicas, necessárias para a ciência.

Referência bibliográfica

- Ribera, Antonio. "El Gran Enigma de los Platillos Volantes". Ed. Plaza & Janes. 1973. p. 18.
- Vallée, Dr. Jacques. GEIPAN International Workshop. "Unidentified Aerial Phenomena - A Strategy for Research". 2014.
- Ballester Olmos, Vicente-Juan. "The Future of Ufology". 2015.
- Vallée, Dr. Jacques. "A System of Classification and Reliability Indicators for the Analysis of the Behavior of Unidentified Aerial Phenomena". 2007.
- Ballester Olmos, Vicente-Juan. "Informe FOTOCAT N° 1 - El Año 1954 en Fotos (versión ampliada)", p. 77.
- Ballester Olmos, Vicente-Juan. "An Overview of FOTOCAT Project". 2005.

- Hynek, Dr. Joseph Allen. "The UFO Experience: A Scientific inquiry". Ed. Corgi Books. 1972.
- Vallée, Dr. Jacques & Vallée, Janine. "Les Phénomènes insolites de l'espace". Ed. Robert Laffont S.A". 1966, pp. 74-77.
- Poher, Claude & Vallée, Dr. Jacques. AIAA 13th Aerospace Sciences Meeting. "Basic Patterns in UFO Observations". 1975.
- Plaza del Olmo, Julio. "Modeling the Law of Times". 2013.
- Vallée, Dr. Jacques. "Confrontations - A Scientist's search for alien contact" .Ed. Ballantine Books. 1990, p. 238.
- Han, Jiawei & Kamber, Micheline. "Data Mining: Concepts and Techniques". Ed. Morgan Kaufmann Publishers. 2006.

Na internet

- Joseph, Capp. (2007). "UFO Media Matters". "Questioning The Director Of
- MUFON -Mutual UFO Network". <http://ufomedia.blogspot.com/2007/06/questioning-director-of-mufon-mutual.html>
- NUFORC – The National UFO Reporting Center <http://www.nuforc.org/> MUFON – Mutual UFO Network <http://www.mufon.com/>

Créditos da tradução do artigo:

O artigo do autor Ronald Maidana Torres, foi traduzido por Carina Bernardo, que reside em São Paulo. A mesma estudou Obstetrícia na Universidad de Atacama (Chile).

Sobre o autor Ronald Maidana Torres:

Ronald Maidana Torres é Correspondente Internacional da Revista ALPHA no Paraguai, também é comerciante, programador de computadores, especializou-se em sistemas Unix/Linux chegando a mergulhar em sistemas de segurança da informação e realizou cursos de periodismo. É Correspondente Internacional da prestigiosa Revista Ufo (editada por Ademar Gevaerd e publicada pela Editora Mythos), IDREC (Argentina) de Iván Orenstein, e Alternativa OVNI (Argentina) de Carlos Sainz, entre outros.

Fundador do grupo ""Vigilantes del Cielo del Paraguay" (VCP) – "Vigilantes do Céu do Paraguai", uma equipe de skywatchers que observam os céus com tecnologia de visão noturna. Autor do livro "OVNIs en el Paraguay – Radiografía de un fenómeno desconocido".

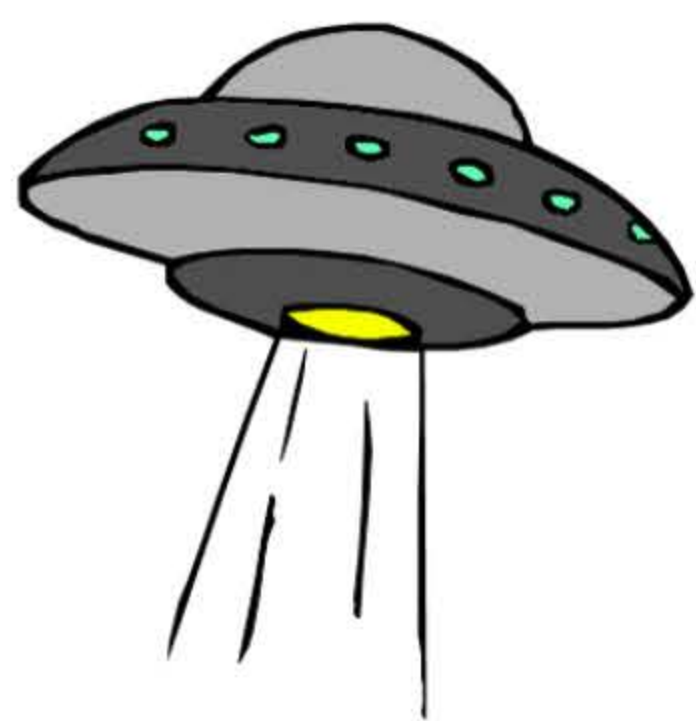
Fale com o autor:

Facebook: <https://www.facebook.com/ronald.r.maidana.torres>

E-mail: virtua.ronald@gmail.com

Youtube: <https://www.youtube.com/user/virtuaronald/videos>





Papo Ufológico

" O que sabemos hoje, e até os mais pragmáticos historiadores e arqueólogos são obrigados a aceitar e admitir, é que as culturas do passado eram muito mais avançadas do que supúnhamos, e os homens daqueles tempos tão ou mais inteligentes e capazes do que nós. Agora, se eles fizeram tudo isso por si mesmos, graças aos seus próprios conhecimentos e habilidades, ou sob a influência ou ajuda de extraterrestres, devemos continuar pesquisando para chegarmos a um grau razoável de certeza". - Cláudio Tsuyoshi Suenaga



Cláudio Tsuyoshi Suenaga, mestre em História pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) e especialista em história cultural, das mentalidades e do imaginário. Primeiro pesquisador no Brasil a defender uma dissertação sobre o Fenômeno OVNI em âmbito

acadêmico, há mais de três décadas tem se dedicado a investigar sociedades secretas e movimentos religiosos do tipo gnósticos, messiânicos, milenaristas, apocalípticos, satânicos e ufológicos, bem como fenômenos sobrenaturais, paranormais e milagrosos.

Realiza ainda pesquisas arqueológicas em torno de cidades perdidas e civilizações desaparecidas e procura desvendar estratégias políticas contemporâneas relacionadas a projetos totalitários de abrangências globais que visam à instalação de um Governo Único Mundial.

Possui vasta experiência na área jornalística, havendo colaborado com inúmeros veículos do Brasil e do exterior e publicado centenas de artigos e matérias em revistas como UFO, Sexto Sentido, Enigmas, Revista das Religiões e Aventuras na História.

Em 2007 lançou seu primeiro livro, *"Contatados: Emissários das Estrelas, Arautos de uma Nova Era ou a Quinta Coluna da Invasão Extraterrestre?"* (Biblioteca UFO, 2007).

Com grande honra temos o Cláudio Tsuyoshi Suenaga como nosso entrevistado desta edição. Nesta entrevista, o mesmo responderá desde o motivo de ter ingressado na Ufologia até sua opinião sobre o fenômeno das abduções. Suenaga sendo mestre em História também transparece sua análise sobre a presença ou não de extraterrestres desde tempos remotos da nossa história e afirma que, durante a ditadura militar no Brasil alguns ufólogos foram acompanhados e vigiados pelos militares.

Saiba tudo agora nesta incrível entrevista:

Onde você vive atualmente e o que tem feito?

Desde março de 2016, resido, trabalho e realizo pesquisas em Osaka, a terceira cidade mais populosa do Japão e a maior depois de Tóquio. Escolhi Osaka por causa dos kofuns, túmulos gigantes megalíticos para membros da alta nobreza, construídos da segunda metade do século III até a primeira metade do século VII durante o chamado Período Kofun, pertencente ao Período Yamato. Aqui perto, na cidade de Sakai, em Mozu, fica o Daisenryō-Kofun, tumba de Nintoku, o 16º Imperador do Japão, entronado em 313 (dentro do período proto-histórico, que vai de 250 a 538, caracterizado pela construção de grandes túmulos), aos 24 anos, e que reinou por 86 anos, até sua morte em 399, com 110 anos de idade. O de Nintoku é o maior túmulo do Japão, com 480 metros de

comprimento, 300 de largura e 35 de altura, e tem o formato de um olho de fechadura, e que alguns mais imaginativos podem achar parecido com uma nave espacial estilo Star Trek. Sua base, portanto, é maior do que a da Pirâmide de Quéops, no Egito. Estive duas vezes lá, mas infelizmente, desde os anos 70, o governo japonês tem proibido as pesquisas arqueológicas na área, e o acesso aos três fossos que cercam o túmulo, bem como ao seu interior, que ainda não foi devidamente explorado (segundo as versões oficiais, por motivos sagrados), é bastante restrito. Em compensação, algumas peças originais e réplicas encontradas no local podem ser vistas no Sakai City Museum, que fica dentro do parque e nas imediações dos kofuns. Gostaria de me dedicar mais a arqueologia, que é o campo que mais me atrai, buscar cidades perdidas, retomar em parte as pesquisas ufológicas e paranormais, aprofundar os estudos sobre sociedades secretas e conspirações, pôr em andamento meu projeto de construir uma réplica de um navio egípcio e com ele navegar do Egito ao Brasil (Projeto Sahuré, ver no meu site), continuar escrevendo livros, agregar mais conteúdo ao meu site, etc., etc., porém o trabalho na fábrica é extenuante e me consome a quase totalidade do tempo.

Como começou o seu interesse pela Ufologia?

Desde criança tenho um pendor para gostar de ficção científica e exploração espacial. Em abril de 1978 (quando eu tinha 7 anos, portanto), em seu nº 348, a saudosa revista infantil *Recreio*, da Editora Abril, publicou um desenho que fiz de um disco voador que foi enviado à redação por minha mãe, ou seja, era atraído pelo assunto muito antes de ter ouvido falar em ufologia. É claro que naquela época de ouro dos seriados televisivos, falo dos anos 70 e 80, assistia de tudo, principalmente Ultraman, Ultraseven e Star Trek. Aos 11 anos, Constantino, um colega (descendente de gregos) de escola do Antônio Alcântara Machado, vendo meu interesse e fascínio por discos voadores, me mostrou um exemplar da revista *Planeta*, que era um especial sobre ufologia. Esse foi o início de meus estudos na área.

Suenaga, você foi quem localizou documentos antes guardados no Arquivo do Estado de São Paulo relatando o interesse do governo, especificamente do DOPS (Departamento de Ordem Política e Social) pelo fenômeno ufológico e as atividades dos ufólogos sobre o tema, correto? Poderia falar mais sobre a atuação do DOPS no que se refere ao fenômeno ufológico? Realmente eles consideravam os ufólogos como subversivos?



Onílson Pátero , sofreu uma abdução em 26 de abril de 1974, na rodovia que ligava a cidade de Marília à Guarantã.

Créditos da imagem: Arquivo UFO

Sim, pois fui o primeiro ufólogo e um dos primeiros historiadores a ter acesso aos arquivos, já que na época, no final de 1994, realizava pesquisas lá para minha tese. A sede do Arquivo ficava então na Consolação, em um antigo, precário e charmoso prédio na Rua Dona Antônia de Queirós, a antiga Fábrica de Tapetes Santa Helena,

erigido na década de 30 (a nova sede, na Rua Voluntários da Pátria, em Santana, foi inaugurada em abril de 1997). O DOPS ficou quase que totalmente associado ao Regime Militar pós-64, mas cabe lembrar que já em 1912 já começava a apurar, ainda que de modo incipiente, as primeiras informações que o consagrariam como o instrumento mais requisitado pelos detentores do poder para controlar os opositores. Foi criado oficialmente em 1934 durante o governo de Getúlio Vargas, em plena época de ascensão dos totalitarismos (comunista, nazista e fascista) e crise das democracias. A partir de outubro de 1935, passou então a catalogar e a acumular, em caráter definitivo e sorrateiro e de maneira sistemática, fichas de suspeitos de subversão. Sua extinção oficial se deu somente em março de 1983, em pleno curso do processo de abertura política. O acervo paulista do DOPS permaneceu desde então sob a guarda da Polícia Federal (PF), e em janeiro de 1992 foi finalmente transferido do quinto andar da Sede Paulista da Polícia Militar (PM) para o Arquivo Intermediário do Estado, na Mooca, e de lá, para o Arquivo do Estado de São Paulo. Entretanto, os arquivos só foram liberados à consulta pú-

blica em 5 de dezembro de 1994, depois de passarem por um prévio trabalho de organização e catalogação. Com a contrarrevolução (termo que prefiro a Golpe ou Revolução de 64, uma vez que se tratou de uma legítima reação militar e de setores conservadores à tentativa de instauração de um regime comunista no Brasil) de 31 de março de 1964, os ufólogos nunca deixaram de ser acompanhados e vigiados, não só por sua persistência em reunir provas do que os governos ocultavam, mas também porque pessoas vagando à noite e em lugares ermos em busca de discos voadores e extraterrestres podiam muito bem ser terroristas ou elementos ligados a movimentos subversivos revolucionários. Claro que a prioridade eram os esquerdistas e terroristas potencialmente perigosos, pertencentes àquelas facções notórias apoiadas e financiadas pelo movimento comunista internacional, não obstante o DOPS não subestimava nada e ninguém e chegou mesmo a infiltrar agentes em reuniões de ufólogos e a investigar abduções, como o de Onílson Pátero, tanto que chegou a convocar para depor dois ufólogos e infiltrou um agente para acompanhar as reuniões periódicas da Associação de Pesquisas Exológicas (Apex). A investigação do DOPS partiu da alegada abdução sofrida em 26

de abril de 1974, na rodovia que liga a cidade de Marília à Guarantã, por Onilson Patero, estabelecido em Catanduva, a 385 quilômetros a noroeste de São Paulo. Neste que teria sido o segundo sequestro por OVNI que havia sofrido em menos de um ano, o seu carro foi encontrado abandonado numa rodovia na manhã do dia 29 de abril. Patero só reapareceu após seis dias numa fazenda em Colatina, no Espírito Santo. No relatório que enviou ao DOPS, o delegado Hermínio José Theodoro observa que, ao narrar a jornalistas a sua viagem num disco voador, Patero estava na companhia de quatro ufólogos. O delegado se apressa em identificar os estudiosos e solicitar ao DOPS que os investigue a fim elucidar se, de fato, Patero viajara num disco voador de Guarantã à Colatina. Em São Paulo, a investigação foi comandada por Roberto Quass, à época delegado-adjunto do Serviço de Informações (SI) do DOPS. O SI era então comandado pelo delegado e futuro senador Romeu Tuma que, segundo atesta um documento, tomou conhecimento da principal investigação sobre o Caso Patero. Entre os ufólogos que estiveram com Patero em Guarantã e acabaram investigados pelo DOPS, estavam os ufólogos pioneiros Max Berezovsky, fundador e presidente da Apex, e Willi Wirz. É o delegado Quass quem toma os depoimentos de ambos em 11 de outubro de 1974, quase seis meses após o Caso Patero aparecer nos jornais. No final de outubro, o delegado Quass envia o seu relatório a Tuma, que o encaminha ao então diretor-geral do DOPS, Lúcio Vieira. O caso parecia encerrado, mas acabou reaberto em janeiro de 1975, e os ufólogos é que passaram a ser investigados. Um documento com carimbo do II Exército, enviado ao SI do DOPS, relata que “tem havido reuniões de cunho duvidoso” na casa de Berezovsky e num clube israelita em Higienópolis, centro de São Paulo. É este parecer que leva o DOPS a infiltrar agentes nas reuniões. Berezovsky me disse que tinha certeza de que, no período, todos os seus telefones haviam sido grampeados e que era vigiado pela Polícia. Os documentos confirmam que um agente do DOPS assistiu, disfarçado, uma reunião dos ufólogos em 27 de junho de 1975, e relatou detalhes do que viu e ouviu a seus superiores. Sua conclusão, para sorte dos ufólogos, é que

não havia por parte deles qualquer envolvimento com política. Tanta paranoia era advinda dos ditames da Doutrina de Segurança Nacional (DSN), cujos ecos na ufologia se fazem sentir ainda hoje – vetar o acesso a documentos oficiais é um claro indicador disso. Não é à toa que tudo quanto se relacionasse aos OVNI fosse considerado Questão de Segurança Nacional. Todas as evidências da presença de discos voadores e seres alienígenas deviam ser imediatamente levadas ao conhecimento do governo e mantidas no mais absoluto sigilo.

Sua dissertação de mestrado teve como objetivo tratar o Fenômeno OVNI. Por qual razão fez esta escolha? Houve algum tipo de rejeita, desaprovação ou preconceito por parte de seus colegas ou da própria instituição acadêmica por você tratar este assunto?

Durante a graduação eu comecei a ter essa ideia e achar que podia ser factível, tendo em vista o alargamento, vamos dizer assim, do campo de abrangência da história, voltada cada vez mais à cultura, às mentalidades, aos fenômenos sociais, o que propiciava a absorção de temas antes marginalizados ou depreciados, como a feitiçaria, a bruxaria, o messianismo, o milenarismo, etc. Antes de me decidir pelo Fenômeno OVNI, cheguei a cogitar me dedicar a estudar o maior mistério do universo, a mulher, isso mesmo, todo o seu papel desempenhado ao longo da história, sua psique e seu comportamento, a fim de entendê-la. Porém, logo vi que isso era mais complicado do que física quântica e parti para a elaboração do projeto para o Fenômeno OVNI. Obviamente ninguém acreditou que a academia fosse aceitar um projeto desse. Eu mesmo duvidava e me surpreendi com a receptividade e o apoio que tive de alguns professores, do meu orientador em particular, o Prof. Dr. Benedito Miguel Angelo Perrini Gil, a quem sou eternamente grato. Não sofri qualquer tipo de hostilidade ou preconceito por parte de meus colegas, muito pelo contrário, não que não houvesse quem encarasse aquilo como uma certa desconfiança e até indulgência, o que pode ser considerado normal. Na banca examinadora, além da presença de meu

orientador, tive a honra de ser sabatinado pelo sociólogo da Universidade de São Paulo (USP), Prof. Dr. Lísias Nogueira Negrão, um dos maiores especialistas em messianismo e seitas religiosas no Brasil, e pelo historiador da própria Unesp, especialista na obra de Joaquim Nabuco, o Prof. Dr. Milton Carlos Costa.

Sobre as suas pesquisas e contribuições, conte-nos sobre o principal caso que você investigou. Na sua opinião, que caso você coloca como o principal da Ufologia brasileira?

O principal caso que investiguei, ou melhor, cuja investigação, iniciada pelos pioneiros da ufologia nos anos 50, retomei, foi o de Antonio Villas Boas, sem dúvida, que para mim continua sendo o principal caso da ufologia brasileira e um dos principais da mundial. Localizei e entrevistei vários parentes e amigos de AVB que ainda estavam vivos e estive em São Francisco de Sales, na própria fazenda onde se deu o sequestro e a relação sexual. Publiquei um artigo extenso a respeito na revista UFO nº 137, de dezembro de 2007, que teve a chamada de capa *"Exclusivo: 50 anos depois, uma nova investigação revela detalhes nunca conhecidos sobre a mais espantosa de todas as abduções: Villas Boas"* ***[clique aqui e saiba mais]***. Quem quiser saber mais, portanto, é só consultar esse artigo e aguardar pelo meu livro *50 Tons de Greys: Abduções com Relações Sexuais - Experiências Genéticas, Rituais de Fertilidade ou Cultos Satânicos?*

Como interpreta o fenômeno das abduções? Quais as diferenças entre os abduzidos e contatados?

É preciso notar que praticamente não se falava em abduções até os anos 80. Havia um caso ou outro de sequestro ou rapto, a começar pelos casos de Villas Boas e Betty e Barney Hill, mas pareciam muito esporádicos e restritos. Esse é um fenômeno que foi tomando a dimensão de um fenômeno de massas, de uma febre, uma síndrome, em paralelo a uma época cada vez mais conturbada, confusa e violenta.

Quanto às diferenças, e já disse isso em outras entrevistas, penso que há muito mais semelhanças do que propriamente diferenças entre um fenômeno e outro. Em ambos há uma saída do tempo e lugar comum, cotidiano e banal, e o ingresso em um tempo-espço mítico e sagrado, o "tempo de origem" ou "regime ontológico", como bem definiu Mircea Eliade. O contatado é aquele que experiencia sem maiores traumas uma integração ao cosmos ou aos "deuses"; já os abduzidos são submetidos a uma espécie de ritual xamânico de iniciação, violentamente arrancados que são de sua família e do seu meio e transportados para locais desconhecidos onde sofre torturas, mutilações, escarificações e lhes são incutidos uma nova língua e um novo conjunto de conhecimentos e informações. Sua vida anterior é deixada para trás, como se passasse por uma morte e um renascimento. Destarte, tanto os contatismos como as abduções indicam a passagem de um modo de ser a outro, de uma situação existencial a outra. Afora essa interpretação cultural e psicológica, estou certo de que muitos casos de contatismos e abduções foram simulados, encenados ou teatralizados por parte de organizações secretas para fins de manipulação e controle mental, vide o Projeto MKULTRA.

O que você acha sobre as pesquisas e afirmações de David Jacobs? Ele afirma que os aliens estão se infiltrando em nossa sociedade. Você acredita nisto? Se sim, quais seriam as consequências desta ação alienígena em nossa sociedade?

O colega historiador norte-americano, professor doutor de história da Temple University, chegou a essa assertiva de que não só fomos invadidos e nossa sociedade ocupada e infiltrada por aliens, como que infelizmente já não podemos fazer nada para interromper isso, uma vez que esses aliens "têm poder e uma tecnologia infinitamente mais avançada do que a nossa" (palavras dele). Respeito e admiro muito o trabalho de Jacobs, até por seu pioneirismo em levar as discussões ufológicas

à área acadêmica, porém ele faz parte daquela linha bem tipicamente americana de encarar as coisas, tão bem explorada e dramatizada no seriado Arquivo X. Essa maneira particular de ver o mundo advém nitidamente dos temores surgidos já desde antes da Guerra Fria de uma infiltração e invasão comunista que modificaria completamente os valores americanos, o American Way of Life. Experimente simplesmente substituir o termo “aliens” por “comunistas” para ver o quanto isso fica patente. Muitos outros já levaram essas assertivas bem mais além, para citar apenas David Icke que popularizou os reptilianos como uma famigerada onipresença. Já filmes como Alien Nation, Men in Black e principalmente District 9 retratam bem, e de forma divertida, como seria essa invasão e infiltração. De minha parte, não possuo qualquer elemento para provar que os ETs existam e estejam aqui. Se o tivesse, escreveria um artigo para uma dessas revistas científicas de peso, submeteria-o à análise e aprovação, e ficaria aguardando meu Prêmio Nobel.

Você como mestre em História entende que os aliens estão presente em nossa história há milhares de anos, assim como apontam os ditos teóricos dos “antigos astronautas”?

Como diria o Mulder, “eu quero acreditar”. Na minha fase inicial durante a adolescência, já fui entusiasta e partidário da teoria dos antigos astronautas. Um dos primeiros livros que li, e por recomendação de um professor de Geografia do colegial, quando este igualmente notou meu interesse pelo assunto, foi justamente o *Eram os Deuses Astronautas?*, que o próprio Däniken em *Será que eu Estava Errado* e em entrevistas, admitiu estar repleto de erros e exageros. O que sabemos hoje, e até os mais pragmáticos historiadores e arqueólogos são obrigados a aceitar e admitir, é que as culturas do passado eram muito mais avançadas do que supúnhamos, e os homens daqueles tempos tão ou mais inteligentes e capazes do que nós. Agora, se eles fizeram tudo isso por si mesmos, graças aos seus próprios conhecimentos e

habilidades, ou sob a influência ou ajuda de extraterrestres, devemos continuar pesquisando para chegarmos a um grau razoável de certeza. Não se pode excluir essa última hipótese como fazemos os mais ortodoxos. Assim como houve contatos e intercâmbios transculturais entre vários povos e civilizações do passado, seja por via terrestre ou marítima, pode ter havido tais contatos e intercâmbios com seres de outros planetas.

Por qual motivo você “sumiu” ou se afastou da Ufologia? Atualmente ou no passado, discorda de algo como é tratado o assunto?

Por diversos motivos pessoais, entre eles problemas de saúde, familiares e financeiros. Entre tantos problemas, a ufologia só estava me trazendo aborrecimentos, pois meus artigos eram sempre muito hostilizados e atacados por grande parte da comunidade ufológica, sendo muito raros os que de fato os liam e os entendiam. Fui estereotipado como algo que não sou. Com um retorno negativo desses, resolvi me afastar silenciosamente, cuidar de minha vida e me dedicar a outras áreas de minha preferência as quais andava negligenciado por justamente ocupar muito tempo com a ufologia. Minha decisão de deixar a ufologia coadunou-se também com o misticismo, o esoterismo e o sensacionalismo que foram tomando conta desse campo, relegando o trabalho científico ao último plano, sem contar a insistência em discussões há muito superadas e em casos que continuavam sendo apresentados como verdadeiros quando já haviam sido desmentidos pelos seus próprios falsificadores. A babaquice tomou conta da ufologia! Quis também me retirar para ter tempo de dedicar a escrever meus livros, e nestes últimos anos pude concluir as minhas duas tetralogias, a ufológica e a religiosa. *Contatados*, lançado em 2007, foi o primeiro da religiosa, que se completa com os ainda inéditos *O Brasileiro que Queria Governar o Mundo: A História Oculta de Aladino Félix (Sábado Dinotos)*, *o Terrorista que Abalou o Regime Militar*; *Sangue no Céu: A Agenda*

Apocalíptica das Religiões, Seitas e Sociedades Secretas; e Aparições da Mãe de Deus Contra o Anticristo: Fenômenos Paranormais, Milagres e Profecias. A tetralogia ufológica, que se fecha com o livro *50 Tons de Greys: Abduções com Relações Sexuais: Experiências Genéticas, Rituais de Fertilidade ou Cultos Satânicos?*, está em grande parte reunida no compêndio *História dos Discos Voadores: Da Antiguidade ao Século XXI*, composto pelos volumes *A Construção do Inimigo Extraterrestre: De Mito Moderno à Realidade Histórica; História dos OVNIs no Brasil: Do Disco Voador na Barra da Tijuca ao ET de Varginha; e Os Manipuladores da Falsa Realidade: Do Controle do Imaginário ao Fim da Consciência Individual.*

Crie ainda uma série de livretos concisos e de leitura rápida, "O Culto da Verdade", que concebi para revelar como o mundo de fato funciona e não do jeito que as pessoas pensam que funcionam, bem como todo o aparato e o conhecimento oculto que vêm sendo mantido em segredo há milênios.

Qual a pergunta que nunca lhe fizeram e você gostaria de responder?

Sei que vai soar um tanto ridículo, brega e cafona, démodé, e muitos vão rir, mas devo ser sincero. Nunca perguntaram em uma entrevista se já amei alguém, sendo para mim o amor o que há de mais importante. E para antecipar a resposta a essa pergunta que nunca me fizeram e talvez nunca façam, admito que sim, já me apaixonei três vezes, e deixo bem claro, por lindas e maravilhosas mulheres, a última recentemente aqui mesmo no Japão, mas infelizmente jamais fui correspondido, o que para mim é triste e torturante, pois sou muito romântico, a ponto de escrever poesias e letras de música inspirado nelas.

Deixe uma mensagem ao leitor.

Busquem a verdade e o amor acima de tudo. Esta frase de David Icke para mim resume tudo: "O Amor infinito é a única verdade, todo o resto é ilusão." That's all, folks.

*** Entrevista concedida em exclusividade para o Editor-chefe, Rafael da Silva Pereira.**

SOBRE O ENTREVISTADO:

Cláudio Tsuyoshi Suenaga, mora em Osaka (Japão), é mestre em História pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) e especialista em história cultural, das mentalidades e do imaginário. Primeiro pesquisador no Brasil a defender uma dissertação sobre o Fenômeno OVNI em âmbito acadêmico, há mais de três décadas tem se dedicado a investigar sociedades secretas e movimentos religiosos do tipo gnósticos, messiânicos, milenaristas, apocalípticos, satânicos e ufológicos, bem como fenômenos sobrenaturais, paranormais e milagrosos.

Site: www.claudiosuenaga.com.br
E-mail: claudiosuenaga@mail.com
Facebook: [fb.com/ctsuenaga](https://www.facebook.com/ctsuenaga)



Rafael da Silva Pereira mora em São Paulo-SP, é Editor-Chefe da Revista ALPHA, estudante de História, interessado por Vida Extraterrestre e fascinado pelo universo. Realiza uma pesquisa que tenta designar a importância histórica e sociológica dos documentos governamentais reportando Objetos Voadores Não Identificados ao redor do mundo.

E-mail: rafael@revistaalpha.com.br

OS UFO's NAS REDES SOCIAIS



Certamente podemos afirmar que existem dois momentos das nossas relações sociais,: a antes e depois do advento das redes sociais em nossas vidas. É surpreendente como não conseguimos nos desconectar desse mundo virtual, estamos sempre conectados e temos como ponto positivo exatamente isso das redes, elas nos aproximam de pessoas independente da distância na qual elas estejam. Não existem fronteiras.

Entretanto, mesmo após quase 30 anos da existência das redes sociais, ainda não conseguimos chegar á uma conclusão sobre todos os seus benefícios, nem sequer paramos muito para pensar acerca de seus malefícios e o quanto ela está presente em nossas vidas (mesmo quando não deveria). Além disso, temos outro problema, a Internet nos apresenta milhares ou talvez milhões de informações sobre um determinado tema. Contudo, não sabemos distinguir o que realmente importa ou irá nos ajudar dentro daqueles milhares de conteúdos que para nós se apresentam. Aí que começam os grandes problemas que iremos apontar neste texto: as falsas informações e discussões sem fim através das redes.

Já citei no decorrer desse pequeno texto que somos apresentados a milhares de informações sobre um tema, correto? Então imagine quanto material dispomos na Internet sobre o assunto Vida Extraterrestre! É muita coisa não é verdade? Claro que sim. No entanto, lamentavelmente mais de 90% do conteúdo ali contido não é verídico, pois com a popularização das Redes e da Internet não há um controle sobre o material que possa ou não ser publicado. Atualmente qualquer pessoa pode veicular livremente informações na

Internet, ou seja, devemos ter muito cuidado quanto aquilo que lemos em nosso dia a dia. Sendo assim, como posso saber se aquilo que compartilho ou leio é real ou não? Ainda mais de um tema tão fantástico como esse que por si só já é extremamente polêmico?

As falsas informações quase sempre são oriundas de sites que não tem nenhuma credibilidade, justamente por conta que como havia citado anteriormente, qualquer pessoa pode gerar conteúdo na Internet. Outro ponto que devemos nos atentar são as fontes. Todas as notícias tem uma fonte original, se a fonte for desconhecida ou inexistente, logo, as chances da notícia ser mentirosa são enormes. Devemos nos atentar em outros fatores como: erros grosseiros de linguagem, textos acompanhados de imagens que chamam a atenção do público (foto montagem de OVNI, uso de pessoas conhecidas da área e etc), uso inadequado de instituições renomadas (por exemplo, NASA, Harvard, ESA, USP e etc), inexistência de data do acontecimento noticiado (isso facilita que o boato seja repassado por um longo tempo).

Enfim, fiquem atentos ao que vocês compartilham nas Redes, pois as falsas informações atrapalham ainda mais o entendimento do Fenômeno UFO, assim como tira ainda mais a credibilidade da comunidade ufológica. Antes de compartilhar qualquer material, siga as dicas citadas neste texto. Pode não garantir que a informação compartilhada seja real, mas lhe ajudará a criar um filtro melhor daquilo que é compartilhado.

Obs: A discussão central deste texto também será tema de um artigo mais extenso que irei escrever em breve.

Texto: Rafael da Silva Pereira (Editor da Revista ALPHA)

E-mail: rafael@revistaalpha.com.br

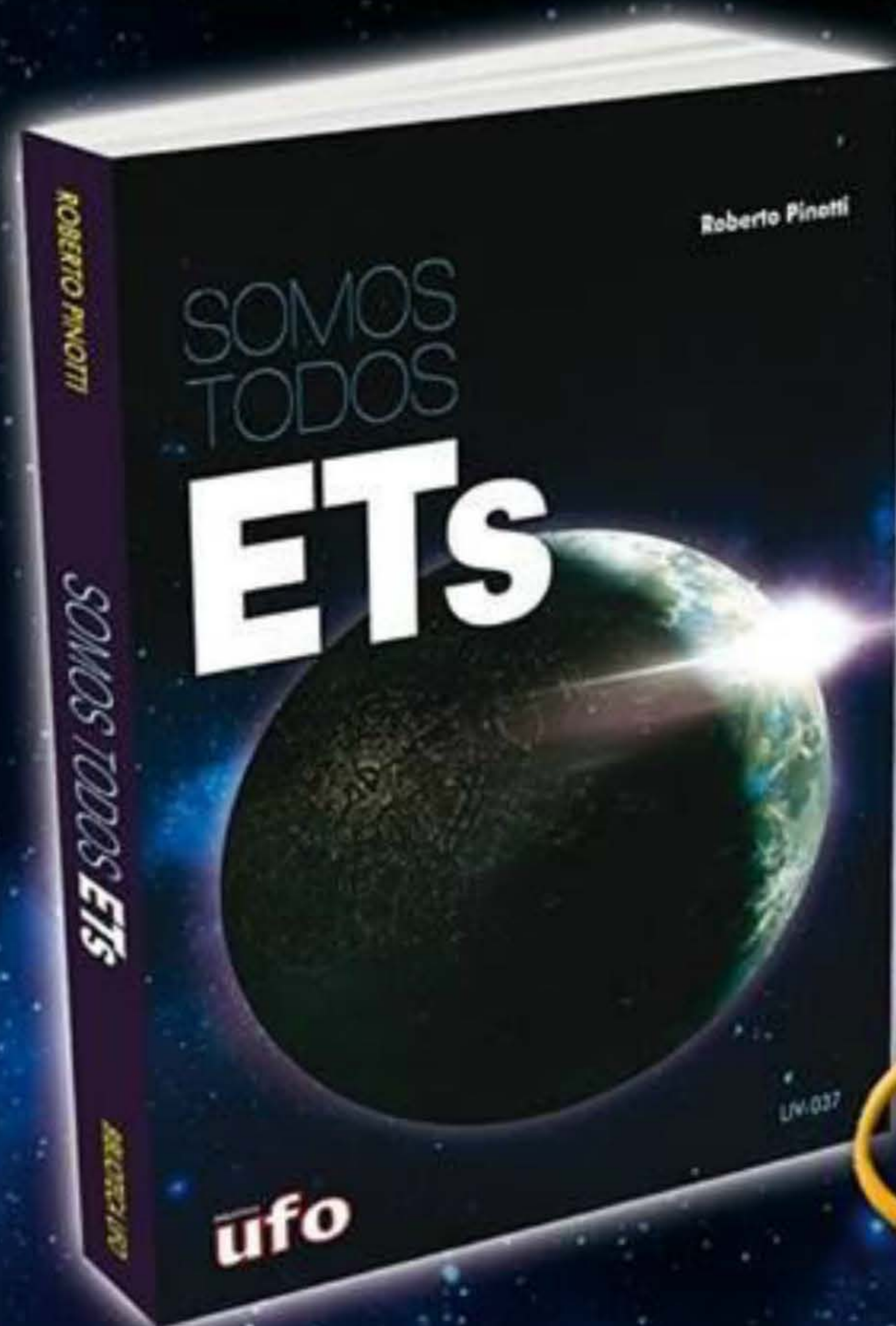
As provas de que a espécie humana habita todo o universo, é não só a Terra

Rastrear os episódios de interação entre o ser humano e nossos visitantes extraterrestres, em todas as épocas da história, mostrou ser algo surpreendente e revelou que nós e eles temos impressionantes semelhanças e até compartilhamos a mesma origem.

“Uma obra que expõe o mistério dos deuses que conviveram conosco no passado”
— Philip Mantle

“Uma interpretação ufológica dos fatos bíblicos”
— Brien Foerster

“Um livro que relaciona nossos antepassados a inúmeras espécies extraterrestres”
— Thiago Ticchetti



240 páginas
Código LIV-037
Preço R\$ 52,60

A espécie humana não se restringe ao planeta Terra, mas se espalha por muitos outros mundos do universo. Esta constatação vem do fato de que expressiva maioria dos visitantes extraterrestres que temos recebido há milênios envolvem seres que têm um formato exatamente humanoide, como o nosso. O livro **Somos Todos Extraterrestres**,

de maneira didática e contundente, mostra que ao longo de milênios nossos antepassados não somente interagiram com alienígenas que aqui chegaram, a quem chamaram de “deuses”, “santos” e “anjos”, como deles aprenderam medicina, astronomia, engenharia, matemática, regras de convívio social e muito mais.

ufo